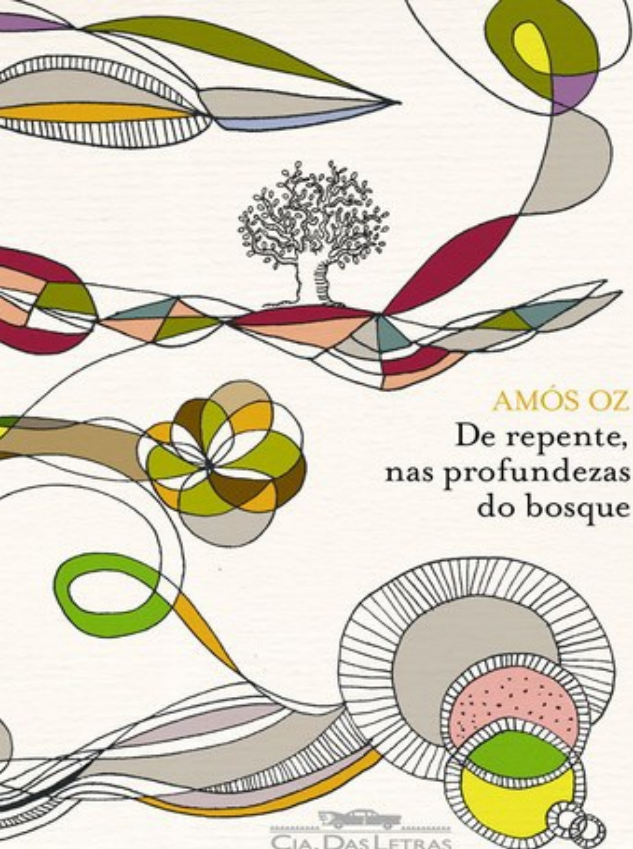




AMÓS OZ

De repente,
nas profundezas
do bosque

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

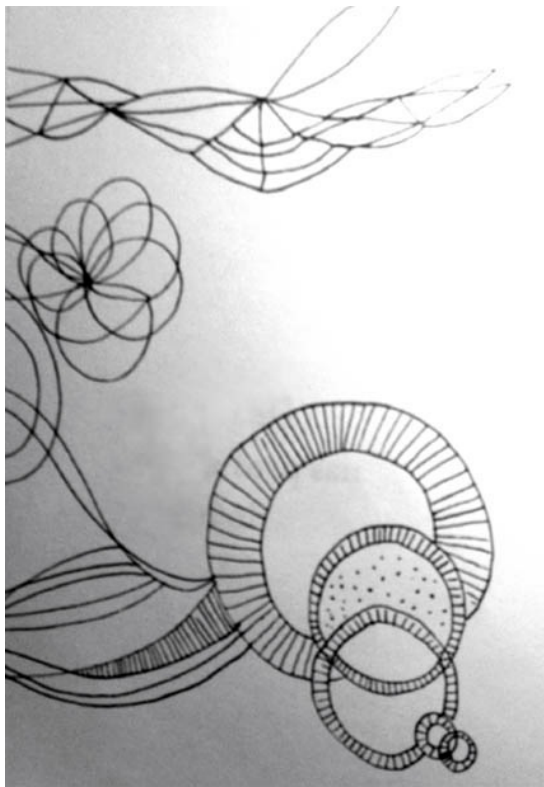
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





AMÓZ OZ

DE REPENTE,
NAS PROFUNDEZAS
DO BOSQUE





*Este livro é dedicado
aos maravilhosos e queridos
Din, Nadav, Alon e Yael,
que me ajudaram a contar
esta história e acrescentaram
ideias, sugestões e surpresas*



A professora Emanuela explicou à classe como é um urso, como os peixes respiram e que sons a hiena produz à noite. Ela também pendurou na sala gravuras de animais e aves. Quase todos os alunos debocharam dela, porque nunca na vida tinham visto um animal sequer. E muitos deles não acreditaram que existissem no mundo tais criaturas. Pelo menos nas redondezas. Sem contar, disseram, sem contar que a professora não tinha conseguido encontrar na aldeia alguém que topasse ser seu marido, e por isso, disseram, a cabeça dela estava cheia de raposas, pardais, todo tipo de invencionice que as pessoas sozinhas criam devido à solidão.

Só pequeno Nimi, de tanto ouvir o falatório da professora Emanuela, começou a ter sonhos com animais à noite. A turma ria dele quando chegava contando, logo pela manhã, como seus sapatos marrons, que durante a noite ficam ao lado da sua cama, se transformavam em dois ouriços que se arrastavam e examinavam o quarto a noite inteira, mas de manhã, quando ele abria os olhos, os ouriços voltavam de repente a ser um simples par de sapatos ao lado da cama. Numa outra vez, morcegos negros vieram à meia-noite, levaram-no sobre as asas e voaram com ele através das paredes da casa pelo céu da aldeia e por sobre os montes e os bosques, até que o conduziram a um palácio encantado.

Nimi era um menino um pouco descuidado, e andava quase sempre com o nariz escorrendo. Além disso, entre os salientes dentes da frente havia um belo intervalo. As crianças chamavam esse espaço de poço de lixo.

Todas as manhãs Nimi chegava à sala e começava a contar a todos um novo sonho, e todas as manhãs diziam-lhe chega, já ficou chato, fecha o teu poço de lixo. E quando ele não parava, atormentavam-no. Mas Nimi, em vez de ficar

ofendido, também participava do deboche. Fungava e engolia o catarro, e começava de repente a chamar a si mesmo, numa alegria transbordante, exatamente pelos apelidos pejorativos que as crianças lhe deram: Poço de Lixo, Sonhador, Sapato-Ouriço.

Maia, a filha de Lília, a padeira, que sentava atrás dele na sala, cochichava algumas vezes: Nimi. Escuta. Você pode sonhar com o que quiser, com animais, com meninas, mas fique quieto. Não conte. Não vale a pena.

Mati dizia a Maia: Você não entende, Nimi sonha só para contar os sonhos. E geralmente os sonhos dele não se interrompem nem quando ele acorda pela manhã.

Tudo divertia Nimi e tudo despertava nele alegria: a xícara rachada da cozinha e a lua cheia no céu, o colar da professora Emanuela e seus próprios dentes salientes, os botões que esqueceu de abotoar e o rugido dos ventos no bosque, tudo o que existe e acontece parecia engraçado a Nimi. Em todas as coisas via motivo suficiente para se arrebrantar de rir.

Até que uma vez ele fugiu da sala de aula e da aldeia, e entrou sozinho no bosque. Durante dois ou três dias, procuraram-no quase todos os aldeões. Por mais de uma semana ou dez dias, procuraram-no os guardas. Depois, apenas seus pais e a irmã continuaram a procurar por ele.

Passadas três semanas ele voltou, magro e imundo, todo arranhado e machucado, mas relinchando de tanto entusiasmo e alegria. E desde então o pequeno Nimi não parou mais de relinchar e tampouco tornou a falar: não pronunciou nenhuma palavra desde que voltou do bosque, e só ficava circulando descalço e esfarrapado pelas ruelas da aldeia, nariz escorrendo, mostrando os dentes e o intervalo entre eles, se metendo entre os pátios, subindo nas árvores e postes, relinchando o tempo todo, com o olho direito lacrimejando sem parar por causa da sua alergia.

Era totalmente impossível voltar a frequentar a escola por causa da "doença do relincho". As crianças, quando saíam da aula, provocavam-no intencionalmente, para que ele relinchasse. Elas os chamavam de Nimi, o potro. O médico esperava que isso fosse passar com o tempo: talvez ali, no

bosque, ele tivesse se deparado com alguma coisa que o assustou ou abalou, e por enquanto está com a doença do relincho.

Maia dizia a Mati: será que eu e você deveríamos fazer alguma coisa? Como podemos ajudá-lo? E Mati respondia: deixa pra lá, Maia. Daqui a pouco eles vão se cansar disso. Daqui a pouco eles vão esquecê-lo.

Quando as crianças lhe davam um chega pra lá com zombarias, e atiravam pinhas e cascas sobre ele, o pequeno Nimi corria, relinchando. Subia bem alto nos galhos da árvore mais próxima e de lá, em meio às ramagens, se voltava para elas relinchando, com um olho lacrimejando e os dentes da frente salientes. E às vezes, até no meio da noite alta, parecia que se ouvia ao longe o eco de seu relincho no escuro.



A aldeia era cinzenta e triste. À volta dela apenas montes e bosques, nuvens e vento. Não havia outras aldeias nas redondezas. Quase nunca chegavam forasteiros, nem sequer visitantes ocasionais. Trinta, talvez quarenta casas pequenas se espalhavam ao longo do declive, no vale fechado e rodeado por montes íngremes. Somente a oeste havia uma abertura estreita entre as montanhas, e por essa abertura passava o único caminho que levava à aldeia, mas não ia adiante, porque não havia nenhum adiante: ali terminava o mundo.

Vez por outra aparecia um vendedor ambulante, ou algum artesão, ou simplesmente algum mendigo perdido. Mas nenhum peregrino permanecia por mais de duas noites, porque a aldeia era amaldiçoada: um estranho silêncio pairava sempre ali, nenhuma vaca mugia, nenhum burro zurrava, nenhum pássaro chilreava, nenhum grupo de gansos selvagens cortava o céu vazio, tampouco os aldeões falavam entre si, só o estritamente necessário. Apenas o som do rio se ouvia sempre, dia e noite, pois um rio caudaloso corria entre os bosques nos montes. Com uma espuma branca nas margens, esse rio cortava a aldeia todinha, agitado, borbulhante, produzindo um ruído parecido com um suspiro baixo, e prosseguia sendo tragado entre as curvas dos vales e bosques.



À noite o silêncio negro e denso era ainda mais profundo do que durante o dia: nenhum cachorro esticava o pescoço ou revirava as orelhas para uivar para a lua, nenhuma raposa resmungava no bosque, nenhuma ave noturna gritava, nenhum grilo trilava, nenhum sapo coaxava, nenhum galo cantava na aurora. Já fazia anos que todos os animais dessa aldeia e das redondezas haviam desaparecido, vacas, cavalos e carneiros, gansos, gatos e canários, cachorros, aranhas domésticas e lebres. Nem mesmo um pintassilgo vivia lá. Nenhum peixe restara no rio. As cegonhas e os groux rodeavam os vales em suas jornadas errantes. Até mesmo os insetos e os vermes, até as abelhas, moscas, formigas, minhocas, mosquitos e traças não eram vistos havia muitos anos. Os adultos que ainda lembravam em geral preferiam calar-se. Negar. Fingir que esqueceram.

Anos antes viveram na aldeia sete caçadores e quatro pescadores. Mas quando o rio ficou sem peixes, quando os animais selvagens partiram para longe, emigraram dali também os pescadores e os caçadores, em busca de lugares que a maldição não havia atingido. Somente um pescador de nome Almon — um homem velho e solitário — permaneceu na aldeia. Vivia numa pequena choupana ao lado do rio e falava longamente consigo mesmo, inflamado, enquanto cozinhava uma sopa de batatas. As pessoas da aldeia ainda o chamavam de Almon, o pescador, embora ele já não fosse pescador, e sim lavrador: durante o dia Almon plantava verduras e raízes comestíveis em canteiros de terra fofa, e também cultivava umas vinte e trinta árvores frutíferas no declive da colina.

Até mesmo um pequeno espantalho Almon colocara entre os canteiros, porque acreditava que talvez, antes de sua morte, numa certa noite, todas as aves voltariam e com elas todos os animais que desapareceram. Almon discutia com o

espantalho, às vezes longamente e com raiva. Ajeitava-o, repreendia-o, abandonava-o completamente, e logo voltava, trazendo uma velha cadeira; sentava-se diante do espantalho e tentava, com uma paciência infinita, convencê-lo, ou pelo menos fazê-lo alterar um pouco as suas opiniões inflexíveis.

À tardinha, em dias claros, Almin, o pescador, costumava sentar em sua cadeira à margem do rio. Ele colocava um velho par de óculos que escorregava pelo nariz em direção ao espesso bigode de pelos brancos, e lia livros. Ou sentava, escrevia e apagava linhas e mais linhas no seu caderno, sempre balbuciando consigo mesmo todo tipo de queixas, opiniões e argumentos. Com o correr dos anos, ele aprendeu a entalhar na madeira, à luz do candeeiro, à noite, belas e variadas figuras de animais e aves, e também criaturas desconhecidas que surgiam da sua imaginação ou lhe apareciam em sonhos. Almon distribuía essas criaturas de madeira entre as crianças da aldeia: Mati ganhou uma gata feita de pinha com filhotes esculpidos em casca de nogueira. Para o pequeno Nimi, Almon entalhou um esquilo, e para Maia, dois grous de pescoço esticado com as asas abertas, prontos para voar.

Somente por essas estatuetas, bem como pelos desenhos feitos pela professora Emanuela na lousa, as crianças conheciam o aspecto de um cachorro, do gato, da borboleta, do peixe, do pintinho, do cabrito e do bezerro. A professora Emanuela também ensinou a algumas crianças as vozes dos animais, vozes que os adultos da aldeia com certeza ainda lembravam da infância, antes que as criaturas desaparecessem, mas as crianças jamais as ouviram em toda a vida.

Maia e Mati quase sabiam de algo que lhes era proibido saber. E ambos tomavam muito cuidado para que ninguém suspeitasse que eles sabiam, ou quase sabiam. Às vezes os dois se encontravam em segredo atrás do depósito de palha abandonado, e ali sentavam e cochichavam uns quinze minutos, e se afastavam por dois caminhos diferentes. Entre todos os adultos da aldeia havia apenas um em quem, talvez, eles pudessem confiar. Ou não? Mais de uma vez, Mati e Maia quase haviam decidido contar o segredo a Danir, o consertador de telhados, que se divertia, às vezes em voz alta, com seus jovens amigos na praça da aldeia à tardinha, conversando

sobre coisas proibidas para crianças. E quando bebia vinho com os amigos, até mesmo falava, rindo, de um cavalo, de uma cabra e um cachorro que ele pensava trazer para cá, de alguma das aldeias do vale.

O que teria acontecido se tivessem revelado o segredo a Danir, o consertador de telhados? Ou se decidissem contar justamente para o velho Almon? E se algum dia se atrevessem a penetrar um pouco na escuridão do bosque para tentar esclarecer até que ponto o segredo era verdadeiro, ou se não passava de uma ilusão, um sonho passageiro que mais combinava com Nimi, o potro, do que com eles?

E por enquanto esperavam, sem saber exatamente o que esperavam. Uma vez, à tardinha, cheio de coragem, Mati perguntou ao pai por que as criaturas desaparecido da aldeia. O pai não se apressou em responder. Levantou-se do banco da cozinha, caminhou alguns instantes de uma parede a outra, e então parou e segurou os ombros da Mati. Mas em vez de olhar para o filho, os olhos do pai se perderam numa mancha escura na parede, em cima da porta, de onde tinha caído o reboco por causa da infiltração de umidade, e disse isto: Veja. Mati. É assim. Certa vez aconteceram aqui coisas de todo tipo. Coisas das quais não podemos nos orgulhar. Mas nem todos são culpados. É claro que não somos todos culpados na mesma medida. Fora isso, quem é você para nos julgar? Você ainda é pequeno. Não julgue. Você não tem nenhum direito de julgar adultos. E, afinal, quem exatamente contou a você que um dia existiram animais aqui? Pode ser que sim, quem sabe. E pode ser que nunca tenham existido. Pois já passou muito tempo. Esquecemos, Mati. Esquecemos e pronto. Deixa pra lá. Quem ainda tem força para lembrar? Agora desça ao porão e traga um pouco de batatas, e chega de ficar falando sem parar.

E quando Mati se levantava para sair do aposento, seu pai ainda acrescentou: Preste atenção, por favor, vamos combinar agora, você e eu, que essa conversa não aconteceu. Que mão falamos nada sobre isso.

Os outros pais, quase todos, preferiam negar. Ou contornar o assunto com silêncio. Não falar dele de jeito nenhum. Principalmente na presença das crianças.



Silenciosa e triste, a aldeia continuava a sua vidinha de sempre: todos os dias os homens e as mulheres saíam para trabalhar nos campos, vinhedos e pomares, e à tardinha voltavam cansados às suas pequenas casas. As crianças iam todas as manhãs à escola. Depois do meio-dia brincavam nos terrenos baldios, perambulando pelos estábulos e galinheiros abandonados, escalando os pombais desolados ou os galhos das árvores onde nenhum pássaro fazia ninho.

Todos os dias, à tardinha, se não chovia, Solina, a costureira, passeava com o marido inválido pelas ruelas da aldeia. O homem inválido, Guinom, se curvou tanto com o passar dos anos que Solina podia, sem nenhuma dificuldade, acomodá-lo num velho carrinho de bebê para levá-lo até a margem do rio.

Durante o trajeto, tanto na ida como na volta, Guinom emitia um balido fino e choroso, porque a doença do esquecimento fez com que ele pensasse que era um cabrito. Solina se inclinava sobre ele, envolto em fraldas, e cantarolava com a voz sombria e quente: chá, chá, chan, orfãozinho, chá, chá, chan, dorme, Guinom, chá, chá, chan.

Às vezes o pequeno Nimi, com o cabelo emaranhado e imundo, as roupas rasgadas e o nariz escorrendo, passava depressa por eles, com um olho lagrimejando; resfolegando e abanando a mão de longe, emitia dois ou três relinchos, longos e confusos. Imediatamente o homem inválido parava de balir, e sorria um prazer infantil, e inclinava a cabeça para ouvir.

Com uma das mãos Solina acariciava de cima para baixo, com delicadeza, os cabelos brancos repartidos ao meio que ainda apareciam na cabeça do marido Guinom; com a outra mão continuava a empurrar o carrinho de bebê, cujas rodas antigas trinavam no declive do caminho.

Nas longas noites de verão, Danir, o consertador de telhados, que construía e consertava telhados, e seus dois ajudantes, sentavam-se para descansar no final do dia de trabalho no parapeito de pedra que ficava na praça; lá os três bebiam cerveja em copos de vidro grosso e começavam a cantar. Outros rapazes e moças chegavam de todos os lados da aldeia, e se juntavam ao canto ou inventavam brincadeiras, discutiam ou sussurravam entre eles. Às vezes explodiam de rir. As crianças tentavam ouvi-los às escondidas e espiar por trás das cercas, porque de quando em quando os rapazes e as moças falavam e riam de coisas que crianças são proibidas de ouvir. Por exemplo, sobre outras aldeias longínquas, lá embaixo, no vale, ou sobre como é a vida amorosa das lebres e como são os gemidos de sedução dos gatos no cio. Danir, o consertador de telhados, às vezes soltava uma risada profunda e rouca como uma avalanche de pedras, e jurava que dali a pouco, uma semana, um mês, acompanhado de seus ajudantes ele haveria de descer os vales distantes, e dos vales não voltariam a pé, mas num comboio de carroças atreladas a cavalos e carregadas de cem tipo de aves, animais, peixes e insetos, e passariam de casa em casa, espalhando animais por toda parte e despejando peixes vivos no nosso rio. Assim a aldeia voltaria a ser exatamente como era antes daquela maldita noite, e pronto. Ao ouvir uma conversa como essa, o grupo se calava de tanto assombro: as palavras que Danir pronunciava não divertiam o grupo, mas cobriam a praça de uma sombra carregada e repentina.

Esses encontros à tardinha do grupo de Danir, o consertador de telhados, no final do dia na praça pavimentada por antigas lajotas de pedra eram, de fato, os únicos momentos de alegria na vida da aldeia. Pois logo após o pôr do sol o grupo se dispersava rapidamente, e cada um ia para a sua casa. Num instante a praça esvaziava e somente a sombra permanecia ali.

Depois, com a penumbra, todas as casas eram fechadas e trancadas com ferrolhos, e as janelas eram fechadas com venezianas de ferro. Nenhuma pessoa saía de casa após o anoitecer. Já às dez da noite as luzes se apagavam uma após a outra nas janelas das pequenas casas. Somente na choupana do pescador Almon, que ficava na extremidade da aldeia, às vezes aparecia a luz do candeeiro sobre a mesa. À meia-noite a

janela dele também escurecia.

Escuridão e silêncio arrastavam-se do fundo dos bosques e pairavam, oprimindo as casas fechadas e os jardins abandonados. Blocos de sombra estremeciam nos caminhos da aldeia. Ventos frios da montanha sopravam ocasionalmente e sussurravam nas copas das árvores e nos arbustos. E o rio borbulhava a noite inteira, correndo pelo declive das encostas, e espumando bolhas na escuridão.



Tudo isso porque à noite um grande medo tomava conta da aldeia. Noite após noite, todo o espaço exterior pertencia a Nehi, o demônio da montanha. Noite após noite, assim segredavam alguns pais a seus filhos, por trás das venezianas de ferro fechadas, noite após noite Nehi, o demônio da montanha, desce de seu palácio negro atrás dos montes e dos bosques, vi-sita as casas como um espírito, procura sinais de vida, e se por acaso encontra um grilo perdido, ou um único vaga-lume que veio parar aqui arrastado sabe-se lá de que distância pelos ventos do inverno, ou até mesmo um besouro ou uma formiga, imediatamente estende seu manto escuro, envolve e aprisiona toda criatura viva, e antes de o sol nascer retorna voando ao seu palácio assombrado, para além dos últimos bosques nas alturas dos montes eternamente cercados de nuvens.

Assim os pais contavam a seus filhos em segredo, mas depois de contar os acalmavam e diziam num outro tom de voz que na verdade todas essas coisas eram apenas lendas. E apesar disso nenhuma pessoa entre os habitantes da aldeia jamais saía de casa após o anoitecer. Pois a escuridão, diziam os pais, está cheia de coisas que decididamente é melhor não encontrar.

Maia, a única filha de Lília, a padeira viúva, era uma menina teimosa e não queria saber de boatos como esse, não podia acreditar em coisas que nunca ninguém tinha visto. Mais de uma vez Maia falou à mãe com atrevimento — a cada história de escuridão que a mãe contava, a menina dizia que era tagarelice e bobagem. Às vezes ela dizia: Toda essa aldeia está meio maluca, mãe, e você, um pouco mais do que todos.

Lília dizia: Talvez seja até bom que você pense assim.

Talvez aqui entre nós exista uma antiga loucura. E você, Maia, é melhor que você simplesmente não saiba nada disso. Nada. Pois quem não sabe não pode ser considerado culpado. E também não se contamina.

Contaminada de quê mamãe?

De coisas não tão boas, Maia. De coisas nada boas. E basta. Será que por acaso você viu em algum lugar o meu lenço, aquele marrom? E quando afinal você vai parar descascar o verniz da mesa? Pois já te pedi mil vezes para parar com isso. Então chega. E basta. E pronto.

Uma noite Maia esperou pacientemente, acordada debaixo do cobertor de inverno, até que a mãe adormecesse. Quando a mãe adormeceu, levantou e ficou ao lado da janela sem acender nenhuma luz. Permaneceu assim ao lado da janela quase até de manhã, envolta em seu cobertor de inverno por causa do frio, e não viu nenhum vulto passando lá fora e não ouviu nenhum som, só uma vez teve a impressão de ouvir à distância de três ruas o triste relincho de Nimi, o potro, Nimi, que passou a ser um menino de rua vagabundo, e todas as portas da aldeia se fecharam diante dele por causa da doença do relincho. E imediatamente fez-se silêncio. À luz incerta da lua, que espiava uma vez ou outra entre as nuvens, Maia vislumbrou claramente o conjunto de árvores negras que se agrupavam para além da ruela que ficava atrás de uma ruína.

E como a noite era muito vazia e longa, ela esperou pela lua que aparecia às vezes, só por um momento, entre uma nuvem e outra, e conseguiu contar oito árvores. Após uma ou duas horas, quando a lua voltou a sair, ela contou de novo e dessa vez havia nove. Por ocasião da claridade seguinte ela voltou a contar, e ainda havia lá exatamente nove árvores. Mas antes do amanhecer, quando os declives dos montes começaram a clarear devido aos toques dos primeiros dedos da aurora, Maia decidiu contar mais uma vez, a última, aquelas árvores, e eis que de repente havia novamente só oito.

O mesmo resultado ela obteve também na contagem que fez no dia seguinte, à luz do dia, quando decidiu se aproximar da ruína e examinar de perto: exatamente oito árvores. Para ter mais certeza, Maia passou de árvore em árvore e tocou em cada uma, contando silenciosamente, duas vezes, de um a oito. Não havia nenhuma nona árvore. Será que havia se enganado

no meio da noite? De tanto cansaço? De tanta escuridão?

Maia não disse uma palavra sobre a nona árvore para a mãe, Lília, a padeira viúva, nem para seus amigos, nem mesmo para a professora Emanuela. Só contou a Mati, porque Mati, porque Mati a havia incluído no segredo do plano que ele estava armando fazia alguns meses. E Mati prestou atenção na história de Maia sobre a nona árvore, e pensou um pouco — não se apressou em reagir — e no final do silêncio lhe disse que numa das próximas noites também ficaria acordado e aguardaria pacientemente até que seus pais e irmãs adormecessem, e então se levantaria e sairia sorrateiramente, em direção ao conjunto de árvores atrás da ruína. Ficaria ali a noite toda, não cochilaria nem um momento, não desviaria o olho delas, e contaria as árvores ele mesmo, verificando se de fato em alguma das horas mais escuras apareceria plantada mais alguma coisa, árvore ou não árvore, alguma coisa que desaparece e se evapora alguns momentos antes de raiar a luz do dia.



Tudo começou muito antes que as crianças da aldeia tivessem nascido, no tempo em que até mesmo seus pais ainda eram crianças: certa noite, noite de tempestade, desapareceram todos os animais da aldeia, mamíferos, aves, peixes, répteis e larvas, e no dia seguinte da manhã restaram apenas os habitantes e seus filhos. Emanuela, que naquele tempo tinha dez anos, chorou semanas e semanas de saudade da sua gata tigresa Tima, que teve três filhotes, dois listrados como a mãe, e um amarelinho e travesso, que gostava de se disfarçar de meia enrolada e se esconder dentro de uma bota. Naquela noite terrível desapareceram a gata e os filhotes, e deixaram para trás a gaveta de sapatos estofada vazia debaixo do armário de roupas. No dia seguinte pela manhã, Emanuela achou a gaveta um pequeno bulbo de lã de gatos, dois fios de bigode, e um cheiro doce-azedado de filhotes quentinhos, e de lambidas e leite.

Entre os habitantes da aldeia existiam alguns velhos que podiam jurar que naquela noite viram, pelas frestas das venezianas, como a sombra do demônio Nehi passava pela aldeia carregando atrás de si na escuridão uma longa comitiva de sombras. A essa caravana se juntaram todos os animais de cada pátio, de cada galinheiro, curral, redil, cocheira, canil, pombal e estábulo, multidões de sombras grandes e pequenas, e o bosque os engoliu a todos, até que, pela manhã, a aldeia tinha se esvaziado. No dia seguinte, restaram apenas os humanos.

Durante alguns dias as pessoas evitaram se olhar nos olhos. Deus tanta desconfiança. Outubro de tanto assombro. Ou de vergonha. Dali em diante, quase todos evitavam falar sobre tudo isso. Nemo bem nem mal. Nemo uma palavra. Às vezes

até mesmo esqueciam um pouco por que, de fato, eles preferiam esquecer. E apesar disso todos se lembravam muito bem, em silêncio, do que era melhor não lembrar. E havia certa necessidade de negar tudo, negar até o próprio silêncio, e zombar de quem, apesar de tudo, lembrava: que se calasse. Que não falasse.

Solina, a costureira, que antes havia sido pastora de ovelhas e criadora de aves, perdeu naquela noite um rebanho de cabras, um galinheiro, um grupo de patos e também uma pequena gaiola, que antes do amanhecer ficou vazia, sem nenhum canário. Seu marido, o ferreiro Guinom, desapareceu no dia seguinte e só depois de uma semana foi encontrado tremendo e congelando de frio entre as árvores do bosque, talvez porque tenha se enchido de coragem e partiu em busca de seu rebanho de cabras e das aves perdidas. Quando Solina, sua mulher, e todos os anciãos da aldeia o interrogaram e tentaram saber o que tinha visto, não conseguiram tirar dele nada além de Nehi e choro. Assim começou a doença do esquecimento de Guinom, e a partir de então seu corpo se curvou, murchou e tombou para dentro de si mesmo, até que o velho carrinho de bebê pôde acomodá-lo, e ele passou a se sentir como um tipo de cordeiro. Ou de cabrito.

O velho pescador Almon já tinha anotado havia muitos anos no seu caderno uma descrição detalhada dos acontecimentos daquela noite. Entre outras coisas, o caderno de Almon registrou que na última tarde, um pouco antes de anoitecer, ele havia descido e recolhido da água do rio a sua rede de pesca, e nela encontrou sete peixes vivos. Decidiu deixar esses peixes até de manhã dentro de uma tina cheia de água ao lado do umbral da sua casa, para levá-los ao mercado na manhã do dia seguinte. E eis que de manhãzinha a tina ainda estava cheia de água, mas sem os peixes.

Nas mesma noite também desapareceu para sempre Zito, o cachorro fiel de Almon, um cachorro afetuoso mas racional como um relógio, um cachorro silencioso que tinha uma orelha marrom e branca, e a outra completamente marrom. Esse cachorro sabia inclinar as duas orelhas para frente e aproximá-las uma à outra nos momentos em que se esforçava para se concentrar e entender o que, de fato, estava acontecendo diante dele. Quando juntava assim as orelhas, o

cachorro parecia sério e até muito sábio e meditativo, por um momento parecia um investigador perseverante se concentrando com toda a força, empenhando o cérebro, e quase conseguindo decifrar um enigma da ciência.

E às vezes Zito, o cachorro do pescador Almon, sabia ler os pensamentos do seu dono. Era capaz de adivinhar as ideias do homem ainda antes que brotassem: de repente se levantava de seu canto em frente ao fogão e cruzava o aposento, ficando de prontidão diante da porta, menos de meio minuto antes de Almon espiar o relógio da parede e decidir que havia chegado a hora de sair à margem do rio. Ou também o cachorro podia subir e lambe o rosto de Almon com a língua morna, lambe com amor e piedade para consolá-lo de algum pensamento triste que pretendia se instalar na cabeça do dono dali a um ou dois minutos.

Em todos os anos que se seguiram àquela noite, o velho pescador não conseguia se conformar com o desaparecimento do cachorro: pois eles dois eram ligados um ao outro por um amor cheio de delicadeza, preocupação, e fidelidade. Seria possível o cachorro ter esquecido repentinamente o seu dono? Ou será que lhe ocorrera alguma desgraça? Se Zito estivesse vivo, sem dúvida nenhuma se libertaria e fugiria de seu sequestrador e buscaria o caminho de casa. Às vezes parecia a Almon que lá de longe, do espesso coração do bosque, chegava até ele o vago eco de um choro fino chamando por ele, venha, venha você também, não tenha medo.

Além do cachorro Zito, desapareceu na mesma noite um par de pequenos pintassilgos que cantava para Almon, o pescador, lá do ninho de ramos que ficava no galho que roçava a janela toda vez que o vento soprava. E desapareceram os cupins que enchiam o sono de Almon à noite com os sons da roedura sussurrante, e que não paravam nem por um momento o trabalho de escavação de túneis dentro dos velhos móveis da casa. Até esses insetos se calaram para sempre desde aquela noite.

Por muitos anos o pescador se acostumara a adormecer todas as noites com o sussurro da mastigação dos cupins dentro dos móveis no escuro. Por causa disso, a partir daquela noite lhe foi difícil adormecer: como se a profundidade do silêncio zombasse dele na escuridão. Assim, o pescador Almon

permanecia sentado noite após noite até bem tarde ao lado da mesa da cozinha, lembrando como naquelas horas, antigamente, surgia do bosque e pelas venezianas fechadas o uivo melancólico de uma raposa, e da aldeia os cachorros respondiam às raposas do bosque com latidos furiosos que no final acabavam também em lamento. Em momentos como esse, seu amado cachorro costumava se aproximar e colocar a cabeça sobre os seus joelhos quentes; ele erguia os olhos para o dono e lhe lançava um olhar de profunda lucidez, um olhar que irradiava um tipo de brilho silencioso de piedade, amor e tristeza. Até que Almon dizia, obrigado, Zito. Basta. Já está quase passando.

Assim ficava o homem sentado e refletindo sozinho no silêncio da noite, saudoso de seu cachorro, saudoso dos pintassilgos, dos peixes do rio e até mesmo dos cupins, e fazia uma lista e apagava, ouvia às vezes ao longe a voz fina do menino Nimi, que perambulava sozinho no escuro entre os pátios e soltava relinchos que, de longe, pareciam choro. Nesses momentos Almon, o pescador, começava a berrar com o lápis, a discutir em voz alta com o fogão, ou a folhear ruidosamente as folhas do caderno, para tentar silenciar um pouco a inquietação da noite e o bramido do rio.

No caderno Almon escreveu, entre outras coisas, que, sem todos os animais, até mesmo as noites de verão mais claras lhe pareciam às vezes como cobertas por uma neblina turva, uma neblina que desce sobre tudo quase enterrando a aldeia, o coração e o bosque. O nevoeiro das noites de verão, escreveu o pescador no seu caderno, não é seco e leve como o vapor fino da geada do inverno, mas é empoeirado, imundo e opressivo.

Desde aquela noite em que Nehi, o demônio, levou consigo todos os animais e os arrastou atrás dele até o seu esconderijo na montanha, os habitantes da aldeia viviam cultivando seus pomares em silêncio e medo. Sem nenhum animal em casa e sem nenhum animal na lavoura. Sozinhos. Apenas o rio ainda passava, rolando na correnteza do seu curso pequenas pedras lisas, galhos quebrados, blocos de lodo. Dia e noite, inverno e verão, sem repouso.



De vez em quando, alguns lenhadores corajosos, além de Danir, o consertador de telhados, e seus ajudantes, chegavam até as cercanias do bosque, mas nenhum deles se atrevia a ultrapassar os limites, a não ser em grupos de três ou quatro, e somente nas horas de claridade.

Nunca, mas nunca mesmo, de maneira alguma, mas de maneira alguma de verdade, diziam os pais aos filhos, que nunca e de maneira alguma se atrevessem a sair de casa depois de escurecer. Se alguma criança perguntasse aos pais por quê, estes anuviavam o rosto e respondiam, porque a noite é muito perigosa. O escuro é um inimigo cruel.

Mas todas as crianças sabiam.

Acontece que à luz do dia os lenhadores podiam constatar os galhos quebrados ou o capim pisado, e entreolhavam-se, faziam alguns sinais com a cabeça mas não trocavam nenhuma palavra. Eles sabiam que depois de escurecer Nehi, o demônio da montanha, descia das alturas do seu palácio-dos-montes e vagava pelos bosques que circundavam a aldeia, e à meia-noite sua sombra já tinha deslizado ao longo do rio e apalpado as cercas dos pomares, passara sem emitir sussurro por entre as casas de venezianas fechadas, atravessara os pátios escuros, perambulara entre as cocheiras abandonadas e os estábulos largados; o fru-fru de seu manto negro fazia estremecer o capim em que pisava e as folhas em que roçava, e somente antes do amanhecer era engolido pelas profundezas dos bosques e se embrenhava na penumbra, pairando silenciosamente entre as cavernas e as fendas da rocha, e voltava ao seu palácio de terrores, em algum lugar nas altas montanhas onde o homem jamais ousou se aproximar.

Olha só, cochichavam os lenhadores de manhã bem cedo,

olha aqui, foi bem aqui que ele passou durante a noite. Há apenas umas cinco ou seis horas ele passou em silêncio justamente no lugar onde estamos. Um calafrio lhes subia pelas costas só de pensar nisso.



Uma noite Mati decidiu cumprir a promessa que fizera a Maia. Mas ele não tinha coragem o suficiente para se vestir, sair escondido e ir até a pequena mata que ficava perto da ruína. Em vez de sair, Mati esperou paciente-mente que os pais e as irmãs adormecessem, levantou-se e se arrastou descalço até a janela da cozinha, de onde era possível espiar (em diagonal) a mata, e ficou lá até de manhã, acordado e atento. Conseguiu contar, bem pertinho da mata, a sombra de nove árvores. A noite inteira eram nove árvores e também no início da aurora eram nove, então Mati concluiu que Maia com certeza havia se enganado de tanto medo e tensão. Ou talvez ela na verdade simplesmente tivesse adormecido e sonhado.

Mas no dia seguinte, na sala de aula, quando relatou tudo a Maia baixinho, ela disse, venha, Mati, depois das aulas nós dois vamos contar mais uma vez quantas árvores estão lá. E ambos foram para o declive da ruína e contaram bem, com cuidado, tocando em cada árvore e pronunciando o número em voz alta, e eis que lá havia somente oito, e não nove.

Na sala, nos dois lados da lousa, entre as janelas e sobre a estante de livros, a professora Emanuela havia pendurado cartazes, nas cores preta e vermelha: o bosque é um lugar perigoso. Tome cuidado com as montanhas. Todo arbusto pode conter más intenções. Toda rocha pode esconder atrás de si alguma coisa que não é rocha. A criança que descer sozinha aos vales corre o risco de nunca mais voltar, ou voltar contaminada com a doença do relincho. A escuridão nos odeia. Lá fora está cheio de perigos.

Das profundezas dos bosques, do coração dos bosques emaranhados que cercavam a aldeia por todos os lados, de manhã até a noite soprava um cheiro estranho de escuridão. E até mesmo nos meses de verão chegava dos bosques um tipo

de penumbra de inverno. E o rio, efervescente, borbulhante, se contorcia entre os pátios e se arrastava até o vale, correndo furioso no declive com uma espuma branca nas suas margens, como se corresse com toda a força para fugir para bem longe, e mesmo assim ele se detinha por um momento para amaldiçoar em seu curso toda a aldeia.



De todas as crianças da aldeia, apenas duas, Maia e Mati, sentiam uma baita atração pelos bosques sombrios. Justamente por tanta advertência, tanto silêncio e tanto temor, ficaram fascinados, e a imaginação os seduziu a tentar descobrir o que estava escondido nas profundezas do bosque. Mati também tinha esboçado um plano que ele revelou a Maia, porque sabia que ela era mais corajosa do que ele. Além do plano e do desejo comum de penetrar na mata, havia o segredo deles, um segredo misterioso que não dividiam com ninguém, nem com os pais, nem com a professora Emanuela, nem com as irmãs mais velhas de Mati, nem com Almon, nem com Danir, o consertador de telhados, nenhum amigo ou amiga. Somente quando não havia nas redondezas nenhum ouvido à espreita, Maia e Mati cochichavam e se entusiasmavam pelo segredo comum que pertencia apenas aos dois. Com frequência, durante a tarde Mati e Maia se encontravam às escondidas numa cachoeira, numa mata abandonada e destruída, no quintal da casa de Mati, longe do alcance dos ouvidos dos pais e das irmãs, e confabulavam sobre o segredo.

As crianças da aldeia, entre elas as irmãs mais velhas de Mati, observavam esses dois que às vezes cochichavam entre si, e imediatamente chegaram à conclusão de que Maia e Mati com certeza estavam começando a formar um casalzinho. E se estivessem mesmo, seria muito agradável e até mesmo simpático espíá-los um pouco, e também debochar e provocar. Pois sempre, em todo tempo, em todo lugar, um menino e uma menina que ficam seguidamente um com o outro, sozinhos, em vez de se juntarem ao grupo, logo são considerados um casal. E um casal é um convite para a inveja. E a inveja dói e se avoluma, e começa a formar de seu interior uma gozação: mais ou menos como uma ferida suja forma um pus.

Não era assim que Mati e Maia se viam: não se consideravam um casal, de jeito nenhum, apenas os únicos cúmplices de um segredo. Nem uma só vez eles seguraram as mãos ou se olharam no fundo dos olhos, nem trocaram entre si sorrisos particulares, e certamente nem se beijaram, apesar de que tanto ela como ele, duas ou três vezes, já tinham imaginado como seria sentir um beijo e, talvez, como se chegar até ele.

No entanto jamais falaram a respeito dessas fantasias. Nem uma palavra. O que unia Maia e Mati não era amor, mas um segredo que ninguém, além deles, podia saber.

Por causa do segredo, e também por culpa da gozação de que eram alvo, Maia e Mati se sentiram muito próximos um do outro e igualmente isolados, os dois, porque se o segredo fosse conhecido pelos outros, a zombaria seria muito pior, as provocações e piadinhas duplicadas. Pois todo aquele que de alguma forma não está disposto a se adaptar e a ser como nós, então é porque adoeceu de relincho, ou de uivo, ou do que quer que seja, e que não se atreva a se aproximar de nós, que guarde distância, por favor, que não nos contamine.

Havia os que troçavam também de Almon, o pescador, por causa do seu caderno de pensamentos, por seu hábito de ficar parado no fundo do quintal assobiando a cada manhã e a cada tarde para o seu cachorro, que certamente já havia morrido havia muitos anos, e pelo espantalho totalmente dispensável que ele colocara entre os canteiros de verduras da sua horta. Riam dele por trás sobretudo por causa das longas discussões que de vez em quando travava consigo mesmo ou com o espantalho. E não era raro o ex-pescador discutir até mesmo com o rio, com a lua, com as nuvens que passavam no céu. Na aldeia o que mais ridicularizavam eram as reconciliações emocionantes entre Almon e o espantalho, ou entre Almon e a parede e o banco, ao cabo de cada briga ou desentendimento.

Até mesmo Lília, a padeira, a mãe viúva de Maia, era alvo das chacotas dos habitantes da aldeia, que se compraziam em relinchar quando a viam, e também giravam o indicador em círculos, nas têmporas, e a apontavam, venham ver, lá vai aquela mulher esquisita, que tem o hábito de, no fim do dia, esfarelar o pão que não conseguiu vender, e jogar as migalhas no rio ou mesmo espalhá-las entre as árvores, pois talvez por

algum milagre de repente passe por aqui algum peixe errante, ou algum pássaro perdido seja atraído por acaso para o nosso céu.

Se bem que alguns daqueles que costumavam caçar das migalhas de Lília às vezes paravam por um momento ou dois aos pés das árvores ou às margens do rio, e se perguntavam: e se vingar? Apesar de tudo? Será? Não? Mas logo acordavam, como se de repente alguém batesse palmas no ouvido deles. Davam de ombros e iam embora, um pouco envergonhados.

E quase toda a aldeia debochava, abertamente, com gozações pesadas, e não só de um jeito dissimulado, de Solina, a costureira pobre, e de seu marido inválido, Guinam, que pegou a doença do esquecimento e se curvou todo até que passou a ser pequeno como um travesseiro, e baila com voz fina, balia como um cordeiro abandonado.

Sua mulher, Solina, costumava envolvê-lo em fraldas, cobri-lo com dois cobertores de lã, e conduzi-lo todas as tardes no carrinho de bebê a um longo passeio entre as ruelas da aldeia, até as margens do rio cujo rugido raivoso provocava em Guinam um balido fino e desesperado, como se tudo já estivesse perdido.



E o segredo era este: certo dia Mati e Maia subiram descalços até lá em cima no rio para catar pedrinhas redondas e polidas com as quais a mãe de Mati fazia bijuterias para vender. Numa das curvas do rio, em um lugar escondido, uma pocinha de água ficou represada numa fenda, como uma piscina escondida entre as pedras acinzentadas, uma piscina muito pequena, tão pequena quanto a distância entre as pernas de uma cadeira. Um emaranhado de plantas aquáticas turvava o fundo da piscina. Por causa dessas plantas aquáticas o sol que vinha se mirar aqui se espalhava, como se explodisse em pequenos estilhaços na água: dentro da piscina se acenderam várias centelhas tremulantes de um ouro intenso.

E eis que de repente, entre as plantas aquáticas que recobriam as pedras, subitamente atravessou ofuscando, não pode ser, cintilante, brilhante, se debatendo, mas como pode ser, como uma faca mergulhada na água, estremecia com rapidez nas escamas saltitantes que pareciam feitas de prata viva, um peixe, eis um peixe, era um peixe, mas como é um peixe? Não é possível que seja um peixe, você realmente tem certeza, Maia, de que você viu um peixe aqui? Real-mente? Porque eu, bem, eu decididamente tenho total certeza de que apesar de que isso não pode ser, de maneira alguma, bem, mesmo assim era um peixe. Um peixe, Maia, um peixe, um peixe vivo, você e eu vimos agora mesmo um peixe aqui, e não simplesmente vimos, mas vimos muito bem que era definitivamente um peixe. Um peixe e nenhuma folha, um peixe e nenhum estilhaço de metal, um peixe, eu te digo, Mati, realmente um peixe, um peixe sem sombra de dúvida, um peixe, eu vi, e eu também vi, era um peixe, um peixe e só um peixe, e nada além de um peixe.

Era um peixe pequeno, um peixinho, com o comprimento de meio dedo, com escamas prateadas e nadadeiras delicadas,

branquiadas, espelhadas e trêmulas. Um olho de peixe redondo e arregalado ao máximo mirou os dois por um instante como se sugerisse a Maia e Mati que todos nós, todos os seres vivos sobre este planeta, pessoas e animais, aves, répteis, larvas e peixes, na realidade todos nós estamos bem próximos uns dos outros, apesar de todas as muitas diferenças entre nós: pois quase todos nós temos olhos para ver formas, movimentos e cores, e quase todos nós ouvimos vozes e ecos, ou pelo menos sentimos a passagem da luz e da escuridão através da nossa pele. E todos nós captamos e classificamos, sem parar, cheiros, gostos e sensações.

Isso e mais: todos nós sem exceção nos assustamos às vezes e até mesmo ficamos apavorados, e às vezes todos ficamos cansados, ou com fome, e cada um de nós gosta de certas coisas e detesta outras, que nos inspiram temor ou aversão. Além disso, todos nós sem exceção somos sensíveis ao extremo. E todos nós, pessoas répteis insetos e peixes, todos nós dormimos e acordamos e de novo dormimos e acordamos, todos nós nos empenhamos muito para que fique tudo bem para nós, não muito quente nem frio, todos nós sem exceção tentamos a maior parte do tempo nos preservar e nos guardar de tudo o que corta, morde e fura. Pois cada um de nós pode ser amassado com facilidade. E todos nós, pássaro e minhoca, gato menino e lobo, todos nós nos esforçamos a maior parte do tempo em tomar o máximo cuidado possível contra a dor e o perigo, e apesar disso nós nos arriscamos muito sempre que saímos para correr atrás de comida, atrás de uma brincadeira e também atrás de aventuras emocionantes.

E assim, disse Maia depois de refletir sobre esse pensamento, e assim no fundo é possível dizer que todos nós sem exceção estamos no mesmo barco: não apenas todas as crianças, não apenas toda a aldeia, não apenas todas as pessoas, mas todos os seres vivos. Todos nós. E ainda não sei bem dizer se as plantas são um pouco nossos parentes distantes.

Logo, disse Mati, quem debocha dos outros passageiros na realidade é um bobo que está no mesmo barco. E não existe aqui nenhum outro barco.

Após um momento, e talvez menos até que um momento, o peixinho contorceu o corpo, alongou amplamente o leque das

suas finas nadadeiras, escapou e afundou ligeirinho dentro da água escura, à sombra das plantas do rio.

Era o primeiro animal que Maia e Mati viam na vida. Além dos diferentes desenhos de vacas, cavalos, cachorros e pássaros nas páginas dos livros ou nas paredes da sala da professora Emanuela, e além das pequenas estatuetas que Almon, o pescador, entalhava e distribuía entre as crianças da aldeia.

Maia e Mati sabiam que era um peixe porque tinham visto um assim nos livros de figuras. E eles sabiam sem dúvida que ele estava vivo e não desenhado porque nenhuma cri-atura desenhada nesses livros de gravuras conseguia contorcer assim os músculos, enroscar-se, escapar rapidamente diante deles e de uma só vez mergulhar bem fundo num lugar escondido dos olhos entre as sombras da vegetação da água.



Foi o primeiro animal que surgiu na aldeia em muitos anos, desde a noite de terror em que Nehi, o demônio das montanhas, reuniu uma longa caravana de criaturas e afastou da aldeia para sempre todos os animais, dos cavalos aos pombos, dos ratos aos carneiros e bois. Às vezes os pais mergulhavam numa onda de nostalgia ou tristeza, e começavam a reproduzir para os filhos imitações das vozes de aves e mamíferos, todo tipo de mugidos, o uivo dos lobos do bosque, o arrulho dos pombos, o zumbido das abelhas, a batida de asas dos gansos do rio, o coaxar do sapo e os gritos da coruja. Mas, passado um momento, esses mesmos pais negavam a tristeza, fingiam que na verdade eles só queriam brincar um pouco, nada mais do que isso, e argumentavam com firmeza que todas aquelas vozes não faziam parte da realidade, mas somente das histórias e lendas.

Eram estranhos os desvios de memória das pessoas da aldeia: coisas que eles se empenhavam em lembrar às vezes fugiam e se escondiam bem no fundo, sob o manto do esquecimento. E exatamente aquilo que decidiam que era muito importante esquecer, justo isso vinha à tona, e saía de dentro do esquecimento como se fosse, intencionalmente, para incomodar. Às vezes se lembravam com os mínimos detalhes de coisas que quase nem tinham ocorrido. Ou se lembravam do que um dia existira e depois deixara de existir, lembravam com dor e saudade, mas de tanta vergonha ou pesar decidiam definitivamente que tudo fora só um sonho. E diziam aos filhos: isso não passa de lenda.

Ou então diziam: foi só uma brincadeira, só isso.

Em algumas crianças essas histórias despertavam uma espécie de saudade sombria em relação ao que talvez tivesse havido aqui no passado mas que nunca teria existido. Mas

havia também muitas crianças que não queriam ouvir absolutamente nada, ou ouviam e debochavam dos pais e da professora Emanuela: durante tantos anos não foi visto aqui na aldeia nenhum animal, até que a maioria das crianças chegou à conclusão de que todos aqueles MU, MÉ e MIAU, todos os AZ, AI, AU, GRRR e CRRR eram na realidade invenções esquisitas que os pais criaram um dia, crendices sem importância que já passaram do tempo e agora era preciso afastá-las para que afinal pudessem viver a vida real, porque quem vive de fantasias simplesmente não é como nós, e quem não é como nós também vai adoecer do relincho, e todos vão manter distância dele, e ninguém jamais poderá salvá-lo.

Talvez somente a Danir, o consertador de telhados brincalhão, de pernas compridas, querido pelas moças da aldeia, Danir que gostava de cantar com seus rapazes durante o trabalho lá em cima, no alto dos telhados, e gostava de se deter pelo caminho para conversar através das janelas abertas com as crianças como se fossem adultos, ou ao contrário, tagarelar com eles como se ele próprio ainda fosse criança, e gostava também de assobiar canções nas ruelas embaixo das janelas das moças da aldeia, talvez somente a Danir tivesse sentido perguntar o que era verdade e o que não era.

Mas o problema era que com Danir e seus amigos, aqueles que se reuniam à sua volta na praça de pedra nas tardes longas de verão, com eles nunca e de maneira alguma se podia saber quando estavam de brincadeira e quando estavam te provocando ou provocando um ao outro. E quando falavam com seriedade, também parecia que estavam de palhaçada. Aquele que tentasse falar com eles seriamente, sempre, por algum motivo, também se pegava brincando ao se dirigir a eles. Mesmo que não tivesse a menor intenção de brincar.

Além de Almon, o pescador, a quem ninguém dava ouvidos porque todos debochavam dele, não havia ali em toda a aldeia alguém que ensinasse as crianças que a realidade não apenas o que o olho vê e não somente o que o ouvido escuta e o que a mão pode tocar, mas também o que se esconde do olho e do toque dos dedos e se revela às vezes, só por um momento, para quem procura com os olhos do espírito e para quem sabe ficar atento e ouvir com os ouvidos da alma e tocar com os dedos

do pensamento. Mas quem aqui afinal queria dar atenção a Almon? Ele era um homem velho, falador e quase cego, que sempre ficava discutindo com seu medonho espantalho.



E assim que o peixe desapareceu, os dois puderam ver, ela no rosto dele e ele no rosto dela, a expressão de espanto e medo, a boca um pouco aberta, os olhos arregalados, a palidez de cal que se espalhou na testa e na face: Diga, você também ouviu o que eu ouvi? Diga, você também ouviu? Será que de bem longe, além dos primeiros bosques, além dos vales e dos declives, lá para os lados da serra ao norte, chegaram e logo sumiram três ou quatro sons vagos, de sonho, ecos baixos e opacos que pareciam o latido de cachorros?

Pois Maia e Mati sabiam, pelas histórias da professora Emanuela, como latiam os cachorros, mas quem não zombava da pobre professora Emanuela, que andava atrás de todos os homens, e em toda a aldeia jamais conseguira encontrar para si nem mesmo a sombra de um marido que pelo menos uma vez olhasse para ela?

E eis que logo depois do ocorrido com o peixe parecia a Maia e Mati que os sons vagos que chegavam da serra ao norte eram semelhantes aos sons de um latido. Ou será que as vozes eram de cachorros de verdade? Seria apenas uma avalanche ao longe? Ou as copas das árvores que respiravam e rangiam e suspiravam com os sopros do vento?

Quem acreditaria que Maia e Mati viram um peixinho vivo no rio? E que ainda quase ao mesmo tempo também ouviram sons de latidos distantes? Quem não debocharia deles? Às vezes uma criança aparecia de manhã no pátio da escola tentando contar aos outros como foi que ouviu — jurava que tinha ouvido — um tipo de som que talvez tivesse sido um trinado. Ou zumbido. As crianças, por sua vez, não acreditavam nem por um momento naquele que contava essas histórias, e caçoavam dele e o provocavam, dizendo que seria muito melhor parar com aquilo, e logo, antes que acabasse ficando

como Nimi, o potro.

Será que o deboche é uma forma de defesa para quem lança mão dele, pois o protege do perigo da solidão? Pois quem zomba não zomba em grupo, e aquele que desperta a zombaria não fica sempre sozinho?

E os adultos? Será que era só porque eles sempre procuravam calar alguma voz interior? Ou se envergonhavam de alguma culpa?

Muitas vezes Mati e Maia voltaram para aquele lugar. Se inclinavam em direção à piscina, aproximavam o rosto até que o nariz quase afundasse na água, mas o peixe não aparecia. Em vão investigaram cada uma das dezenas ou centenas das pequenas piscinas do rio espalhadas aqui e ali ao longo da descida da correnteza, entre as pedras, nas pequenas reentrâncias ocultas, nos lugares onde as plantas aquáticas escondiam o lençol de areia dourada que se deitava no fundo do fluxo de água.

Mas uma vez, à tardinha, de repente, por um momento, alguma coisa passou rapidamente bem alto sobre a cabeça deles: uma coisa planava nas alturas do céu que já ia escurecendo, uma coisa flutuava ou se elevava ali, delicada e luminosa como uma única nuvem no vento da tarde; vinha do bosque e pairava, transparente e vagarosa, e passou rapidamente e em silêncio bem alto sobre a cabeça dos dois, e de novo se dirigiu ao bosque e quase se extinguiu antes que Maia e Mati conseguissem perceber.

E antes que percebessem — e mesmo assim não completamente —, antes que os dois pudessem distinguir, algo passou sobre a cabeça deles, alto e silencioso, pairou mais adiante, muito acima da aldeia e do rio e muito acima dos bosques sombrios. Por isso os olhares de Maia e Mati se encontraram. E os dois ao mesmo tempo estremeceram.



Foi assim que essas crianças, Mati e Maia, como uma célula clandestina composta de apenas dois membros, começaram a se convencer de que talvez, em algum lugar, existissem animais. Mati sentiu muito medo e Maia um pouco menos, mas ambos ficaram seduzidos, como por encanto, pela ideia de se aventurar em busca de sinais de vida. Não foi com o coração leve que Mati e Maia decidiram planejar uma aventura como essa. Não confiavam completamente neles mesmos: será que o peixinho e também os sons de latido teriam sido apenas fruto da imaginação? Será que, apesar de tudo, só uma folha prateada tinha brilhado por um momento na água antes de afundar e desaparecer? Será que uma árvore velha fora derrubada em um dos bosques distantes e apenas o eco do gemido do desabamento chegara até eles, com o vento, e esse eco soara um pouco como um latido? Como e onde eles começariam aquela aventura? E o que aconteceria se fossem pegos e castigados? E se os dois também virassem motivo de chacota? E se adoecessem do relincho, como Nimi, o potro?

E o que aconteceria aos dois se despertasse sobre eles a fúria de Nehi, o demônio das montanhas? E se eles também desaparecessem para sempre debaixo da asa de seu vulto negro, exatamente como desapareceram havia muitos anos todos os animais que existiam, como diziam os adultos, na nossa aldeia e nas redondezas? E por onde deveriam começar a procurar?



A resposta a essas perguntas, o coração lhes dizia, é que eles deveriam começar a procurar no bosque. A resposta amedrontou tanto Mati e Maia, que de tanto medo, durante duas ou três semanas, eles pararam de cochichar a respeito do plano da aventura. Como se tivesse acontecido entre eles alguma coisa tão vergonhosa que era melhor fingir que não acontecera nada. Ou sim, acontecera e fora totalmente esquecida.

Mas a aventura já havia fincado neles uma raiz e tinha se infiltrado profundamente dentro dos seus sonhos a noite. E já não lhes despertava um sentimento de alegria, curiosidade ou emoção, tampouco coragem ardente, mas apenas um sentimento cinzento e firme que se agarrou neles dois e não ia embora de jeito nenhum: é isso. E assim e pronto. Não há o que fazer. A partir de agora aquilo ficaria neles. Não lhes restava nenhuma alternativa.

E assim os dois continuaram a cochichar sobre o bosque, o peixinho na piscina, os latidos distantes, a nuvem que passou no alto mas que não era uma nuvem, e outros sinais de vida. Esses cochichos despertaram mais uma vez entre as crianças da sala e também entre vizinhas e vizinhos bisbilhoteiros todo tipo de boatos e rumores, pequenas piscadelas e zombarias, vejam só esse casal, com certeza já estão segurando as mãos, que mãos, onde mãos, eu garanto que eles já se beijaram. E, quem sabe, será que já não fizeram mais coisa?

Havia os que diziam que na verdade eles combinavam bem, eram dois esquisitos, ela com aquela mãe dela, a padeira maluca que espalha todo fim de tarde migalhas de massa no rio que não tem nenhum peixe, ou semeia pedacinhos de pão embaixo das árvores que nem tem pássaros, e ele, com as coisas que escreve nas suas pequenas cadernetas e não nos

deixa ver, mas corre direto para mostrar a Almon, o pescador, que discute com as paredes. Ou será que ele mostra o que escreve não a Almon, mas somente ao espantalho de Almon?

Assim corria o deboche, e se avolumou em torno deles como uma mancha escura de lama que vai se espraiando na água e fazendo com que ela fique turva. Mas Mati e Maia, por sua vez, já haviam escavado e saído do outro lado: certa manhã os dois se levantaram muito cedo, e, em vez de irem à aula, tomaram um desvio e saíram da aldeia subindo direto ao bosque.



Maia e Mati subiram até a ribanceira do rio, sem se darem as mãos. Talvez uma ou duas vezes, quando cruzaram a correnteza por ilhotas de pedras lisas que atravessavam o curso em uma das curvas e era possível pular de uma pedra à outra e assim chegar à outra margem, ocorreu de segurarem as mãos para não tropeçarem e caírem na água fria. Quanto mais subiam o monte ao longo das curvas do rio, mais a vegetação do bosque se adensava. De vez em quando eles precisavam empurrar galhos e arbustos, e abrir espaço em todo tipo de samambaias e trepadeiras para aplanar o caminho.

Às vezes lhes parecia que não estavam sozinhos no bosque, que havia mais alguém presente, ou alguma coisa, larga, grande e escura, alguma coisa como que respirando ali atrás deles com inspirações profundas e silenciosas. Mas examinando bem, viam apenas a vegetação cerrada colorindo o verde que ficava cada vez mais negro. E por mais que apurassem o ouvido e forçassem todo o poder da audição, não captaram nada além do sussurro do vento nas copas das árvores, a fúria do rio entre os dentes das pedras, e o ranger das folhas e galhos secos debaixo dos sapatos.

De vez em quando o emaranhado ficava tão denso que só mesmo inclinados ou ajoelhados conseguiam atravessar. Às vezes passavam pela entrada de uma caverna, mas quando olhavam para dentro viam só uma escuridão exalada da goela da gruta, soltando odores antigos de poeira e de pesada umidade.

E eis que de dentro de uma das cavernas de repente saiu não um cheiro de umidade, mas uma leve espiral de fumaça e o aroma agradável de uma fogueira de galhos a adoçar o ar. Por um momento os dois congelaram, e após um instante Mati

cochichou a Maia: Vamos fugir depressa daqui antes que nos descubram. Maia sussurrou de volta: Mas antes eu vou me arrastar, só um pouquinho, só para espiar o que tem ali, eu simplesmente preciso fazer isso. E você vai me esperar aqui, Mati, se esconde atrás dessa pedra e fique atento. Se eu fugir correndo de lá, você também começa a correr de volta para baixo: não pare e não espere por mim, corra para casa com todas as forças e não olhe para trás. Eu também vou correr para baixo o mais rápido que puder. Mas se passar, digamos, uns quinze minutos mais ou menos, e eu não tiver saído de lá, não continue a me esperar: corra para casa, tente lembrar direitinho o caminho, e conte a Danir, o consertador de telhados. Conte só a Danir. A mais ninguém além dele. Para que minha mãe não se assuste.

Mati se encheu de medo e tentou cochichar com Maia que não, que é perigoso, que não há como saber o que está emboscado na escuridão da caverna, mas se calou porque, na verdade, sempre soube que Maia era mais corajosa do que ele, e ele sentia um pouco de vergonha por isso, e até debochava de si mesmo.

Dois desvios e três degraus de pedra conduziram Maia para dentro de um tipo de cova estreita no fim da baixa caverna. As paredes estavam cobertas de fuligem, e o fogo projetava nelas, dançando, todo tipo de sombras. Da fogueira subia uma fumaça de aroma agradável que despertava o apetite. E Mati, depois de hesitar um pouco, decidiu não obedecer a Maia e entrou atrás dela: dois desvios, dois degraus de pedra, mas antes do terceiro degrau sua valentia se esgotou e ele parou, se escondeu entre as fendas da pedra e ficou espiando para ver o que aconteceria a Maia. E eis que apareceu um homem pequeno, sentado sozinho, de costas para Maia, ocupado com a fogueira, nem se deu conta, ao que parece, da presença dela, que chegou e parou atrás dele, com cuidado, pronta para fugir a qualquer instante num salto rápido.

O homem pequeno mexia no fogo com a ajuda de um bastão; assava algumas batatas com cebolas, girando com muita delicadeza as batatas de um lado para o outro entre as brasas, revolvendo e juntando as cinzas, e enquanto isso falava com a fogueira com muita amizade, estimulando com palavras

suaves o fogo e também elogiando a si mesmo pelo seu sucesso. Assim continuou a cuidar da fogueira e a falar quase sem parar e sem se dar conta de Maia, que estava inclinada observando-o de perto, enquanto Mati espiava, espantado, de dentro da fenda de pedra em que estava, vigiando de lá por trás de Maia, em dúvida sobre o que era correto fazer agora que suas pernas imploravam para fugir dali o mais rápido possível, ao mesmo tempo que seus sentimentos exigiam dele com firmeza que avançasse e ficasse ao lado de Maia. De tanto conflito entre pernas e sentimentos, Mati ficou cravado no mesmo lugar, na fenda da pedra, muito próximo das costas de Maia, mas não tão próximo como ela estava do estranho, e um pouco mais perto dela do que da entrada da caverna.

De repente o estranho voltou o olhar e sorriu com serenidade, nem um pouco surpreso, como se soubesse o tempo todo que visitas inesperadas haviam chegado, e só estava esperando até que pudesse se desviar por um momento do trabalho com a fogueira para cumprir com as obrigações de gentileza que recaíam sobre ele, o anfitrião:

Maia? Mati? Será que vocês querem sentar? Descansar um pouco? Querem comer comigo batatas assadas? Venham, sentem. Tenho também verduras e todo tipo de frutas, cogumelos e nozes. Sentem aqui.



Mati e Maia se espantaram muito, porque o homem não era um homem, mas apenas um menino, e não um menino estranho, mas justamente Nimi, Nimi a que todos chamavam de Nimi, o potro, Nimi, sempre com o nariz escorrendo, que uma vez teimou em contar os seus sonhos a todos, sapatos que se transformam no meio da noite num par de ouriços e um tubo de borracha que se transforma em cobra ou tromba, e todos riam dele. Nimi, que certa vez levantou e saiu sozinho para o bosque e dentro dele se encontrou, pelo visto, com alguma coisa que o assustou ou abalou, até que adoeceu da doença do relincho. Por causa da doença do relincho ele parou completamente de falar e começou a perambular e a relinchar pelas ruelas da aldeia, com os dentes da frente saltados e o intervalo entre eles, um olho sempre lacrimejando, e desde então ele errava, dia e noite, no inverno e no verão, sem casa e sem uma alma próxima, nem Maia e Mati conseguiram ajudá-lo, e até mesmo a sua família desistiu e renunciou a ele.

E eis que aqui nessa caverna Mati e Maia acharam Nimi: não o Nimi que relincha, nem o Nimi que foge das pessoas subindo em árvores e fazendo caretas estranhas do alto dos galhos, mas um Nimi que fala com os dois tocando no ombro e os convidando a comer com ele batatas assadas e cebolas tostadas no fogo, e até mesmo o olho lacrimejante sorria para eles com afeto.

Mais tarde, quando sentaram os três, saciados e acomodados, e conversaram em volta da brasa, Nimi lhes revelou que os relinchos de potro não eram uma doença, mas uma decisão: cansara das provocações humilhantes e do deboche, e decidira sair e viver sozinho como um menino livre, sem pais nem vizinhos nem sala de aula nem opressores, sem que ninguém na aldeia ou no mundo inteiro lhe dissesse todos

os dias o que fazer e o que não: ele escolheu viver sozinho. Viver com sossego e liberdade. Verdade que ele tinha um intervalo bem grande entre os dentes da frente, mas, pelo menos, atrás daqueles dentes idiotas existia uma cabeça e não um cogumelo venenoso como naqueles sujeitos gozadores. Às vezes descia para perambular e relinchar um pouco pelos pátios da aldeia e todos recuavam e fugiam dele, sentiam medo do contágio. Mas aqui na sua casa, aqui ele vivia, nessa caverna onde ele armazenava todo tipo de coisas que se acumularam nos pátios: livros e frascos, cordas, torradas, objetos domésticos, folhetos, tábuas, velas, frutas e verduras, e peças de roupa que ele recolhia dos varais. E Almon, o pescador, permitia que à noite ele cavasse batatas da sua horta, e também colhesse à vontade nas árvores frutíferas e pegasse verduras na plantação.

E como é que você não tem medo do bosque? De Nehi?

Sim, na verdade às vezes eu tenho um pouco de medo, principalmente de noite, mas não por causa de Nehi, disse Nimi. E de fato, quando estou aqui na minha caverna, eu justamente tenho muito menos medo do que quando estou entre crianças que me odeiam, provocam e jogam pedras e telhas, ou também entre adultos que apontam o dedo para mim e gritam *vejam-aí-veem-o-infeliz-doente-do-relincho-coitadinhos-dos-pais-dele*, e eles sempre advertem as crianças menores que não se atrevam a se aproximar de mim.

Diga, Nimi, você alguma vez viu aqui no bosque alguns animais? Não? E Nehi? Será que você viu Nehi? E diga mais uma coisa, Nimi, existe mesmo essa doença do relincho?

Em vez de responder a essa pergunta, Mini, o potro, levantou, se esticou, acenou para eles com a palma da mão estendida, puxou para dentro o catarro, sorriu com dentes tortos e com um olho lacrimejando, sorriu para si mesmo e não para Maia e Mati, e com um salto passou entre os dois em direção à entrada da caverna, e de repente soltou bem alto um relincho de potro, muito longo, ondulado, um re-lincho que parecia ao mesmo tempo desesperado e também atrevido e irritado. Relinchando, Nimi saiu galopando com alegria num impulso por entre as árvores emaranhadas, correndo e relinchando com alegria e emitindo sons, ia se afastando, a voz ficando mais fraca, até que foi engolida na profundidade do

bosque.

Depois que a fogueira apagou na caverna de Nimi, Mati e Maia decidiram continuar seu caminho pela trilha montanhosa, que ia ficando cada vez mais íngreme e tortuosa, e cada vez mais parecia um estreito e escuro túnel dentro do embrenhado de arbustos cerrados.

Logo não havia mais caminhos ou atalhos de bosque, mas só um matagal denso e escuro, cheio de plantas enoveladas, uma mata que na verdade era mais próxima do negro do que do verde, e havia ali plantas que espetavam, plantas que queimavam, e também as que feriam a pele corno picadas venenosas.

Mati e Maia procuraram o tempo todo não se afastar muito da quebrada do rio, ainda que não pudessem mesmo avançar junto às curvas, porque em alguns lugares o rio descia para jorrar entre duas muralhas íngremes de pedra, ou era completamente engolido pela terra e então ressurgia em um lugar totalmente inesperado. Mas o ruído da correnteza ajudava Maia e Mati a se orientar durante a escalada da montanha: como se o rio fosse um tipo de guia raivoso e malvado que não se aquieta nem por um momento, às vezes rangendo os dentes em sua corrida sobre o lençol de pedra, às vezes emitindo um rugido opaco ao ir de encontro às muralhas de escarpas, às vezes se inclinando e urrando em cascatas espumantes.

Depois de algumas horas, perderam o rio. Não se ouvia nem mesmo ao longe um eco da sua correnteza. Em vez dos sons do rio, começaram a ecoar dos esconderijos do bosque outros sussurros, chiados, gemidos, ebulições, como se alguma coisa suspirasse em algum lugar, inspirasse, expirasse e murmurasse, alguma coisa bem próxima mas invisível. E alguma outra coisa não longe dali produzia uma tosse sufocada, e ainda outra coisa serrava com teimosia, ou roía com dentes fortes, enfraquecendo por um momento devido ao cansaço, e novamente voltava a roer.

Pelos cálculos de Maia e Mati, a noite já devia estar caindo. Ocorreu-lhes procurar alguma caverna em que pudessem esperar pela manhã. Parecia estranho como por entre as copas das árvores ainda continuasse a irromper a luz do dia.

Mati parou para aspirar o ar e retirar os espinhos e farpas que se fixaram em sua roupa. Maia, que seguia alguns passos na frente quase o tempo todo, também parou e esperou por ele. A menina sugeriu que continuassem a escalada enquanto ainda houvesse um pouco de claridade. E disse, não como se estivesse perguntando, mas como quem está adivinhando qual será a resposta:

Diga, você quer que voltemos para casa?

Mati de fato queria, no íntimo, voltar, mas era imprescindível que a decisão de desistir e descer de volta para casa viesse dela e não dele. Por isso respondeu:

O que você acha, Maia?

E Maia disse:

E você?

Ele hesitou por um momento. E depois disse com um tom inflexível:

Decidi que nós vamos fazer o que você disser.

E Maia disse: Foi bom termos comido com Nimi, ao lado da fogueira dele, mas agora estou com fome de novo e um pouco cansada.

Mati disse: Então voltamos?

E Maia: Talvez. Sim. Tudo bem. Mas não para casa: vamos voltar para a caverna de Nimi e lá ficaremos até amanhecer, e pela manhã continuaremos a subir.

Os dois tomaram o caminho de volta. E dessa vez era Mati que seguia na frente e lutava para abrir uma trilha no matagal. Mas a vegetação ia se intrincando cada vez mais. Quanto mais continuavam a se mover como dois nadadores exaustos entre as ondas altas, mais a vegetação ficava densa. Em vez de descer, novamente se viram atraídos para a subida do monte numa escarpa bem íngreme. E de novo lhes pareceu que o dia começava a se extinguir e a escuridão com certeza já não estava longe e eles jamais encontrariam a caverna de Nimi.

Uma sombra baixa e escura passou de repente em absoluto silêncio sobre a cabeça deles, pairou exatamente em cima das copas e quase encostou nelas, sobrevoou e escureceu por um momento todo o matagal, e após um instante se foi e

se afastou sem nenhum murmúrio. Como se durante algum tempo uma coberta negra e pesada cobrisse tudo. E por um momento o coração dos dois foi tomado pelo pavor de uma gigantesca feitiçaria, medo de um dia que não é dia e medo de uma noite que não é de fato noite. Mas nem ele nem ela disseram nada sobre isso. Calaram-se e prosseguiram, abrindo caminho para subir. Até que de repente chegaram a um flanco encurvado da montanha e decidiram descansar e fazer planos, e Maia avançou um pouco mais, pois por um momento lhe pareceu ouvir ao longe o sussurro da correnteza do rio.

Enquanto isso, no flanco da montanha, entre duas rochas, Mati se agachou para examinar uma pequena pedra, uma pedra sinuosa que lembrava um caracol petrificado. E Maia avançou mais um pouco em direção ao que lhe parecia o sussurro da correnteza das águas do rio. E de repente Mati não a viu mais e deixou de ouvir o som dos passos dela, mas teve medo de elevar a voz e chamá-la. Também Maia, ao olhar para trás, não viu Mati, que havia desaparecido entre as árvores, e também teve medo de chamá-lo, pois os dois tinham o sentimento de que era proibido elevar a voz ali porque na verdade não estavam sozinhos no bosque, alguém esperava por eles nas profundezas. Ou pairava sobre eles. Ou talvez só estivesse lá em silêncio sem se mover entre as sombras e os observava por trás sem parar, de dentro do espesso bosque. No profundo silêncio que caía e perpassava tudo, Mati imaginou de repente que ele não era o único que estava escutando as batidas do seu coração assustado: aquilo que se escondia entre as sombras e o observava sem parar também podia ouvi-las. E então, quando ele largou a pedra espiralada e ergueu os olhos e não viu mais Maia, arrastou-se ao lado de seu sapato um outro caracol, que não era petrificado, mas quando Mati voltou os olhos para examinar, ele havia desaparecido como se não existisse. Fora engolido por uma das fendas.



Depois de certa hesitação, Mati decidiu que seria melhor sentar e esperar por Maia ali, aos pés daquela rocha que lembrava um grande machado: pois o que ocorreria se ele fosse procurá-la? E se enquanto isso ela voltasse por outro caminho? E se não o encontrasse, ela ainda poderia começar a vagar e procurar no bosque e se perder entre as colinas e assim ficariam procurando um ao outro até que tudo escurecesse. Então sentou e apoiou as costas na pedra do machado e esperou, e ficou atento para captar qualquer murmúrio ou sussurro. Dali de cima, o bosque era uma trama escura, gigantesca, tecida de manchas verde-luminoso, verde-listrado, verde-acinzentado, verde-amarelado e verde-escuro quase negro. Os olhos de Mati procuravam lá longe, lá embaixo, os telhados das casas da aldeia, mas a aldeia havia desaparecido.

Por um momento, Mati imaginou o pomar de Almon, o pecador. Na imaginação também enxergou com nitidez a horta e até o espantalho entre os canteiros. E podia imaginar como o velho pescador passava por lá bem devagar, suspirando, mancando entre os canteiros em direção à sua mesa do lado de fora, saudoso de Zito, seu cachorro, dos pintassilgos e dos peixes, e até dos cupins que roíam a noite inteira dentro dos móveis no seu quarto. Com certeza agora ele estaria gritando com o espantalho ou discutindo consigo mesmo enquanto andava, com certeza ele não deixaria de dar a última palavra, ficaria resmungando uma resposta qualquer por baixo do espesso bigode branco. E lá, não muito longe da mata, a professora Emanuela estaria sozinha pendurando roupa na corda no quintal que fica atrás da sua choupana. Mati sabia por fofocas, toda a aldeia sabia, que a professora Emanuela, uma mulher nada jovem, tentara durante anos atrair o coração dos homens da aldeia, solteiros ou casados, jovens e

não jovens. Mas em toda a aldeia não encontrara um só homem que se interessasse por ela. Às vezes Mati também se incluía entre os zombadores, que puseram nela um apelido feio, Emabofélia. E eis que agora ele se arrependia por isso: a solidão e o desespero da professora Emanuela lhe pareciam tristes e até dolorosos.

Quando pensava na ruela além da casa de seus pais, Mati imaginava como Danir, o consertador de telhados, e seus dois ajudantes ficavam lá em cima de um dos telhados, batendo com os martelos e rindo por terem conseguido orquestrar, golpes dos três martelos no ritmo de uma marcha alegre.

Imaginava também como Solina, a costureira, interrompia seu passeio e se inclinava sobre o carrinho do marido inválido, talvez para ajeitar os panos ou trocar fraldas molhadas, talvez só para acariciar sua cabeça coberta de cabelos brancos e ralos, enquanto Guinom, do fundo da sua doença do esquecimento, emitia balidos agudos, doídos, porque achava que era apenas um cordeiro e que sua mulher era a mãe ovelha que o amamentava.

E talvez exatamente naquele momento, enquanto ele estava sentado imaginando a vida na aldeia, Lília, a padeira, mãe de Maia, poderia estar descendo o caminho que ia da sua padaria caseira até a única loja de alimentos que ficava na praça da aldeia. E talvez encontrasse Solina levando o marido no carrinho de bebê. Lília certamente iria se deter, como era seu costume; trocariam algumas palavras, contaria a Solina como era difícil para ela criar uma filha atrevida e teimosa como Maia, atrevida como um demônio, mas decididamente nada cruel, todo o problema é que a minha filha tem um tipo de caráter perspicaz e forte demais, tudo ela sabe muito melhor do que eu e melhor do que todos, e por isso cada coisa deve sempre ser exatamente, exatamente mesmo, como ela quer.

Depois disso com certeza Lília sacudiria o avental, pediria desculpas — porque sempre e sem necessidade ela costumava baixar os olhos e pedir desculpas a todo mundo — e imediatamente se despediria de Solina e de Guinom e continuaria a empurrar a sua velha carrocinha de pão, que havia muito já merecia um óleo no eixo das rodas, ou mesmo rodas novas.

E de fato, por que eu mesmo não posso em breve passar um óleo no eixo das rodas?, pensou Mati, o que importa o que vão dizer?

Que digam. Que debochem até amanhã. Pois eu e Maia vimos uma coisa que eles não viram nem em sonhos. E quando voltarmos da floresta, talvez já saberemos o que toda a aldeia não sabe. Ou se esforça em não saber. Ou será que toda a aldeia sabe e só finge, como faz o pequeno Nimi que intencionalmente finge que está doente do relincho para ficar livre?

Se é que voltaremos salvos do bosque: era tão estranho, a noite já deveria ter descido e escurecido o mundo inteiro, e nada, ela não viera. Como que por encanto.

E o que aconteceria se Maia já tivesse se afastado muito?

E se ela se perdesse no caminho?

E se nós dois desaparecêssemos na trama densa do bosque?

E quanto tempo, afinal, ainda nos restaria até a chegada da noite?

Por enquanto talvez ainda não tenham começado a se preocupar conosco em casa. Mas daqui a pouco começarão.

Mati ficou assim sentado por muito tempo, olhando a aldeia do alto e mergulhado em pensamentos e fantasias, mas na verdade estava cuidando de afastar o medo que a cada instante ficava mais intenso, ia se arrastando por debaixo da pele e provocando um arrepio que lhe subia nas costas: pois Maia não voltava, e também depois não voltou, e também depois do depois não deu nenhum sinal. Ele ficava cada vez com mais raiva dela: para onde ela teria ido? Seria possível que tivesse descido e voltado à aldeia sem ele? E na verdade ela bem que merece que eu suma daqui agora e desça para casa bem depressa, antes que a noite chegue.

Depois, a raiva que sentia de Maia se transformou num medo gélido por causa do murmúrio das árvores altas, do silêncio e do vento. E enquanto isso já dava para sentir no ar um pouco do primeiro cheiro do fim de tarde ou do início de noite, e um ar de anoitecer já sussurrava na folhagem das árvores do bosque. Esse vento agitava e murmurava entre as

agulhas do pinheiro, até que por um momento novamente pareceu a Mati, que já estava se levantando e se preparando para começar a correr com toda pressa possível para baixo, para casa, por um momento lhe pareceu bem ao longe ouvir outra vez entrecortados latidos de cachorros. Por um momento lhe pareceu ouvir também do alto do morro, da densidade do bosque, a voz opaca de Maia chamando por ele seguidamente de uma grande distância, Mati, Mati, vem aqui, veem, Maaatii veem aqui...

E ele não sabia qual das duas possibilidades era a mais assustadora: ignorar o chamado que talvez fosse até um grito desesperado de ajuda ou, ao contrário, levantar e encarar corajosamente a subida do monte, atrás da voz que poderia ser uma voz perdida ou uma miragem de voz, traiçoeira, atraindo-o para uma armadilha perigosa, uma voz que não vem do alto do monte, mas somente de dentro da sua cabeça, do medo e do desespero que já começavam a perturbar seu coração e a pressionar sua respiração como se o sapato de um pesado pé lhe pisasse o peito.



Por fim Mati decidiu levantar e se arriscar entre as pedras. As árvores do bosque à sua volta iam ficando mais opressivas e escuras, como que se juntando umas às outras com a intenção de barrar-lhe o caminho. Mas entre os troncos outra vez surgiu uma espécie de caminho, ou o traçado de um atalho estreito que serpenteava pela subida do monte, e que o conduziu até umas escarpas íngremes, cheias de arbustos negros, e depois continuou por deslizamentos perigosos, até que o sol que baixava por trás das montanhas se pôs a tingir o céu sobre as copas do bosque com as tintas de um incêndio gigantesco, e depois com as tintas do vinho, e depois com as tintas de brasas ardentes. Mais um pouco, e sobre todo o céu e a terra desceria uma tela de cinzas.

Nesse instante surgiu diante de seus olhos um muro de pedra, e nele havia um portão feito de tocos de troncos grossos, e além do muro e do portão surgiu uma espécie de nuvem iluminada por diversas tonalidades, e estranhos rumores se ouviam, altos e agudos, e vagos e opacos, e fininhos e agradáveis como flocos de neve; rumores sibilantes, estridentes, sussurrantes e irritantes, chiados rascantes e agradáveis, sons que Mati jamais ouvira, nem uma só vez, em toda a vida, e no entanto se lembrava deles e sabia que eram vozes de animais e aves, mugidos tranquilos, mas também urros graves, e o cântico de coros e mais coros de gargantas piando e cantando. E entre todas essas vozes Mati ouviu também a voz de Maia, uma voz límpida e sonora de tanta alegria, mas o que há com você?, chega de ficar assim cravado aí fora, abra o portão, Mati, entre você também.



Mati ficou alguns instantes diante do portão pensando o que fazer. Uma sensação estranha e misteriosa de que já tinha estado lá, e talvez mais de uma vez, irrompeu na sua alma. Em algum momento do passado, exatamente como agora, ele estivera diante daquele portão. E já se perguntara mais de uma vez se era melhor fugir ou entrar. E já decidira, já entrara e já vira. E agora, se ele se esforçasse bastante, até quase o limite da sua vontade, talvez se lembrasse num instante de tudo o que havia esquecido. Talvez se lembrasse até mesmo do que não sabia e do que jamais vira.

Mati olhou bem e descobriu que o portão não estava completamente fechado, só um pouco, e lembrou sem lembrar que da outra vez ele também estava assim, e que portão era assim sempre, o tempo todo. Havia uma fresta estreita entre os batentes do portão — com um empurrão forte não poderia abri-lo e entrar, numa tentativa de salvar Maia?

Mas na verdade não seria muito mais seguro naquele momento virar as costas e fugir? Correr com toda a força pela descida do monte, correr sem parar, correr sem olhar para trás, correr para casa enquanto sua alma ainda estava com ele? Correr e contar tudo aos pais, à professora Emanuela, a Danir, o consertador de telhados, aos guardas da aldeia, para que se organizassem e viessem rapidamente salvar Maia? Pois aquele era o palácio de Nehi, o terrível feiticeiro das montanhas, claro, e Maia era mantida aprisionada entre os muros do palácio e estava perdida, pois você sozinho não poderá salvá-la, e se não fugir daqui exatamente neste momento, também estará perdido. O sol já está começando a baixar além daqueles muros e da serra florestada, e você, se não se apressar e correr para baixo, para casa, com toda a força das pernas, ficará parado aqui no escuro sozinho e com as mãos vazias diante do portão da

fortaleza do demônio da montanha, e nunca, nunca mais voltará para casa.

Mati se virou para correr em direção à descida do atalho, mas a voz de Maia o deteve. Maia saiu e parou entre os batentes do portão, abraçando com delicadeza junto ao peito uma bolota cinzenta, arredondada e estranha, e lhe disse baixinho venha, não tenha medo, Mati, venha até mim, venha olhar, e você vai ver uma maravilha, venha atrás de mim, Mati, venha, Mati, não tenha medo, venha ver como é bom aqui.



E quando se aproximou, Mati viu que entre os braços dela havia um gatinho vivo: não a gravura de um gatinho, não um boneco nem uma pelúcia com a forma de gato, mas um ser que estremecia, vivo, delicado, doce e tímido, que observava admirado Mati, com dois olhos redondos, as orelhas inclinadas para a frente com curiosidade e o focinho com o bigode tremendo um pouco, como se ele não fosse um gato, mas sim um filósofo ilustre e célebre, um pensador importante totalmente concentrado na tarefa de decifrar quem era aquele que chegara de repente, e por que viera. E o que trouxera. E principalmente — o que, afinal, estava acontecendo naquele mundo desconhecido além do portão.

Mati se assustou e até recuou um pouco, porque conhecia gatos apenas de gravuras, e porque lhe pareceu que o corpo do gato se alarga e se encolhe, e de novo se alarga e volta a se esvaziar um pouco, sem parar, o que ele achou esquisito e até assustador: nunca na vida tinha visto e também não imaginou que todas as criaturas vivas respirassem sem parar, aspirassem ar para dentro dos pulmões e então ex-pirassem, aspirassem de novo, exatamente como nós.

Mas Maia não desistiu e tomou a mão dele e afundou seus dedos assustados dentro do pelo macio do gato, uma vez e mais uma vez, até que os dedos de Mati se acalmaram do susto, e depois se acalmou a mão que acariciava e era acariciada, e se acalmaram seu braço, seu ombro e todo o seu corpo. E de repente ele sentiu que o toque no pelo do gato era muito agradável, e que também eram agradáveis os dedos de Maia, que seguravam e conduziam sua mão ao longo do dorso aveludado do gato. Como se os dedos dela produzissem e repassassem para ele leves vibrações prazerosas, vibrações quentes que fluíam da palma para o dorso da mão, e pela mão esses fluxos agradáveis passavam e estremeciam o pelo do

gato, que agora o observava direta-mente com profunda inocência, com olhos redondos e cheios de espanto. E depois o gato fechou os olhos e Mati também fechou os seus por um momento e sentiu na ponta dos dedos as vibrações das ondas que pulsavam com suavidade no corpo do gatinho, e a criatura começou a esfregar com um gemido de prazer baixinho e prolongado suas bochechas e a testa contra a palma da mão que o acariciava. Os olhos do gatinho se arregalaram e de novo quase se fecharam, restando apenas duas frestas esverdeadas que espiavam Mati dizendo sim, assim, continue por favor a me acariciar, sim, pois é muito agradável para nós dois, continue, sim, assim, por favor, não pare.

E de repente o gatinho deu uma piscadela para Mati, uma piscadela rápida mas firme, uma piscadela de cumplicidade: como se insinuasse que ele entendia muito bem até que ponto seu pelo era agradável aos dedos que o acariciavam, e que entendia também até que ponto o atrito prazeroso que agora estava ocorrendo na palma da mão de Mati, que estava entre o pelo do gato e os dedos de Maia, até que ponto esse contato produzia em Mati um prazer com uma leve vertigem, um prazer que ele jamais havia sentido, pois as pontas dos dedos de Maia roçando no dorso da sua mão e o calor do pelo suave, acariciado por ele seguidamente, criavam ondas contínuas de tremores e calafrios.

O corpo de Mati foi relaxando, se enchendo de prazer, e com o relaxamento do corpo também seus medos se acalmaram: viu que seus pés já estavam no interior do pátio rodeado de muros. E viu também o jardim interno e sabia que agora ele já estava lá dentro de verdade, verdadeiramente dentro da fortaleza de Nehi, o demônio das montanhas. Mas em vez de pavor e medo, Mati sentiu nesse instante principalmente um tipo de sensação de curiosidade e uma admiração intensa. Ergueu os olhos e contemplou o jardim.



E o jardim era agradável aos olhos, todo iluminado não somente pelos raios do sol poente, mas também por espetaculares feixes de luz multicolorida. Esses feixes de luz irrompiam entre as árvores e os arbustos, entre os canteiros floridos, as piscinas de água, os riachos e os pequenos pedaços de cristal que brotavam de certas fendas da rocha e entre os cantos dos degraus.

Essas luzes, disse Maia baixinho, não surgem de lanternas escondidas como você pensa e como eu também pensei logo que entrei aqui; são colônias de vagalumes que emanam esse brilho maravilhoso. Por toda a extensão do jardim cresciam árvores frutíferas e ornamentais, arbustos, ervas e grama. Aos pés das árvores brotavam canteiros e mais canteiros de samambaias e flores, e por cima de tudo estendia-se uma florada delicada, numa palheta de cores que abarcava o laranja, o ouro, o roxo, o vermelho, o amarelo, e também o turquesa, o rosa, o escarlata e a púrpura.

Mati ergueu os olhos em direção às copas das densas árvores, e viu e ouviu pela primeira vez na vida a tagarelada de multidões de pássaros, as variadas vozes que cantavam e palravam, e o farfalhar das asas e o movimento inesperado daquelas criaturas que saltavam e pulavam de galho em galho. Às margens do riacho e nas piscinas naturais que se formavam, repousavam as aves aquáticas, com uma perna mergulhada na água e a outra dobrada, o bico cor-de-rosa a afundar de repente na água em busca de alimento. Uma profunda e suave calma encheu o peito de Mati, uma calma da qual não tinha lembrança em toda a sua vida, a não ser, talvez, na memória oculta e obscura, memória por trás de toda memória, memória que continha o sossego de um bebê de fraldas saciado, com os olhos fechados, envolvido em doçura, adormecendo junto ao peito da mãe enquanto ela murmurava

com sua voz quente uma canção de ninar.

Será que estive aqui alguma vez? Logo depois que nasci? Ou teria sido antes?

O jardim era profundo e largo, e se estendia a perder de vista, até os declives floridos que se confinavam com as matas escuras, pomares frutíferos e canteiros verdes. Em alguns pontos corriam pequenos riachos, fios de prata a bordar o verde. E por cima de tudo precipitavam-se em movimento multidões de insetos que voavam e produziam sons, cascatas e mais cascatas de zumbidos, como se lhes coubesse estender por toda a extensão do jardim uma rede de trama e urdidura densas, de teias finas luminosas, e todos aqueles fios estirados, delicados e invisíveis cantavam e zumbiam de forma estridente numa entonação apressada e enlouquecida que o soprar do vento deslocava continuamente.

Cobras estranhas, cobras espiraladas e ligeiras com mil patinhas, se arrastavam aos pés dos arbustos. E grandes lagartos preguiçosos cochilavam de olhos abertos. Entre os prados e as plantas do jardim perambulavam e pastavam tranquilamente carneiros brancos, girafas, antílopes, jumentos e bandos de lebres barulhentas. E entre eles, tal veranistas passeando por ali, vagavam lobos preguiçosos e tranquilos, um ou dois ursos, um par de raposas de cauda farta, um chagal que de repente se aproximou de Maia e Mati e lhes mostrou uma língua comprida e muito vermelha que lhe sal-tava das fauces, entre duas fileiras de dentes afiados e brilhantes. O chagal pôs-se a esfregar a cabeça pontuda no joelho de Mati, uma vez, e mais uma, e entre uma e outra vez ergueu os olhos castanhos e tristes para os dois e os observou com um olhar de dar dó, como se estivesse pedindo muito, pedindo em todas as línguas da súplica, até que Maia entendeu finalmente, se inclinou e acariciou-lhe a cabeça e até fez um pouco de cócegas no pescoço e um pouco sob as orelhas, e continuou alisando o seu dorso, algumas vezes, da cabeça até a base da cauda.

Depois Maia e Mati passaram por quatro ou cinco tigres cansados que repousavam largados, observando com olhos verdes e imóveis a profunda calma da tarde, com a cabeça apoiada sobre as patas. Por um momento os tigres trouxeram à lembrança de Mati o velho pescador Almon, cuja cabeça

cansada caía e repousava sobre o braço, por sobre as folhas do caderno, dorme não dorme à tardinha, sentado sozinho junto à mesa que ficava na horta. Uma espécie de saudade amargou por um instante o coração de Mati, uma vontade repentina de sentar no banco de Almon e começar a contar-lhe sobre isso tudo, descrever-lhe cada detalhe, ou melhor — trazer Almon para cá, para cima, para que visse tudo isso com os próprios olhos. Que apalpassem com seus velhos dedos. E Mati também quis trazer Solina junto com seu marido bebê. E Danir com seus dois rapazes consertadores de telhado. E Nimi. Mostrar tudo isso a todos, a toda a aldeia, aos seus pais, às suas irmãs mais velhas, à professora Emanuela, e observar bem seus rostos quando olhassem e vissem o jardim pela primeira vez.

E eis que se aproximou deles uma vaca, uma vaca lenta, de cabeça erguida e muito nobre, uma vaca cheia de importância, adornada com manchas pretas e brancas. Chegava sem pressa, se balançando devagar, respeitável e cheia de auto-estima, e ela passou lentamente entre os tigres que cochilavam, movendo a cabeça de cima para baixo duas ou três vezes como se decididamente não estivesse surpresa, nem um pouco surpresa, ao contrário, todos os seus cálculos tinham dado certo e todas as suas suposições se realizaram exata e definitivamente, e agora ela confirmava fazendo que sim com a cabeça de tanta satisfação por sua certeza e também porque ela de fato concordava consigo mesma, definitivamente e sempre, sem sombra de dúvida.



Mati e Maia devoraram com os olhos aquelas maravilhas todas, e não conseguiam desviar o olhar, fascinados com os crocodilos e suas couraças quadriculadas na margem da piscina, com os macacos, esquilos e papagaios em festa, a fazer travessuras entre os galhos das árvores que ofereciam beleza, e das árvores que ofereciam frutos. E o bater de asas dos pardais e o arrulhar dos pombos difundiam uma suavidade por toda a extensão do jardim, nos riachos, nos prados, nas copas das árvores, tudo estava envolto por uma cobertura de profunda, quente e ampla tranquilidade, uma tranquilidade de um outro mundo.

E por que é tão claro para mim que já estive aqui? Como isso é possível, afinal?

Tão completo, tão límpido e calmo era o sossego da noite que ia descendo sobre aquele jardim de maravilhas, que Maia e Mati não se deram conta de um homem, nem jovem nem alto, as costas um pouco encurvadas, a cabeça descoberta, o rosto bronzeado com sulcos de rugas quadriculadas, estranhas e complicadas, e o cabelo já quase completamente prateado sobre os ombros. Ele estava ali, apoiado tranquilamente num tronco áspero. O homem estava sozinho no alto do jardim e observava os dois com um sorriso sutil, um sorriso um pouco amargo e vago, como se seus pensamentos estivessem ora aqui, ora em outros lugares.

Os ombros do homem eram meio encurvados, um ombro um pouco mais baixo do que o outro, e as rudes palmas das mãos estavam caídas e enfraquecidas junto ao corpo como após um longo e exaustivo trabalho físico. Seu rosto tímido não era exatamente bonito, mas sua expressão era de cautela e embaraço, como se lhe fosse cômodo que Mati e Maia não tivessem reparado nele.

Como se sentisse um pouco de vergonha diante deles.

Assim permaneceu o homem estranho, sem fazer nenhum movimento, respirando devagar e intensamente, acompanhando com o olhar os olhos fascinados das duas crianças, seguindo atentamente o mover dos seus olhares curiosos que vagavam pelas paisagens do jardim, e se espantavam com tudo o que havia nele.

O sorriso misterioso do homem, um sorriso quase malicioso, começava exatamente em volta dos olhos e não nos lábios; dos olhos, o sorriso ia se espalhando ao longo das fendas enrugadas, ia iluminando a partir de dentro todas as dobras abatidas de seu rosto.

E ainda não havia se movido nem pronunciado nenhum som.

Somente uma artéria azulada, fina e incrivelmente delicada, tremia no canto de sua testa: como um peixinho atento que se agitava debaixo da água.

Até que o olhar de Maia se deparou com ele de repente e ela ficou muito assustada. Mas se conteve e apenas se inclinou um pouco e cochichou a Mati, cuidado, Mati, preste bem atenção, não olhe de maneira nenhuma para aquele lado, porque alguém está ali olhando para nós mas não me parece perigoso, só um tipo um pouco estranho.



Um pouco estranho, o homem repetiu com seu sorriso desconfiado as palavras que Maia segredou no ouvido de Mati, pois era exatamente assim que falavam de mim há muitos anos, quando eu era apenas uma criança: ele é um pouco esquisito, diziam, e entortavam a boca com expressão de deboche e aversão. E às vezes diziam, olhem, vejam, chegou o retardado. Foi assim durante muitos anos, antes de vocês nascerem, quando seus pais tinham a idade de vocês, mais ou menos.

E eu queria exatamente ser como eles; me esforcei muito todos os dias para ser como todos os outros. Mais ainda, como todos os outros de todos os outros. Porém, quanto mais eu me esforçava, mais eles me desprezavam.

O homem estranho começou a se aproximar deles — deu alguns passos e pareceu hesitar; mudou de ideia e parou aos pés da figueira: talvez temesse amedrontá-los e fazê-los recuar. Ou talvez ele mesmo tivesse tido dificuldade de se aproximar. Mas ao ver que as crianças não fugiam dele e permaneciam no mesmo lugar, a observá-lo — apenas se aproximavam um do outro, encurtando a distância que havia entre eles, o homem baixou os olhos em direção à grama e disse com voz sorridente:

Que bom que vocês vieram.

E acrescentou:

Tem suco de romã, querem? Com gelo raspadinho. Querem?

Mati disse baixinho: Cuidado, Maia. Não toque nesses utensílios de madeira. Não dá para saber. Talvez seja perigoso beber nisso.

Mas Maia misturou o suco de romã e o gelo mima xícara

de madeira oca, bebeu, riu, enxugou a boca com o dorso da mão, e disse:

Eu sou Maia. E esse é Mati. Mati está com medo de que você seja um feiticeiro. Você é feiticeiro?

E depois disse:

Beba você também, Mati. Prove. É, frio e gostoso. Você não vai ficar com a doença do relincho, não tenha medo: observe como todas as criaturas que estão aqui não têm medo desse homem.

E Mati não disse nada. Só tomou o braço de Maia e tentou puxá-la para trás. Mas Maia decididamente não concordou em ser puxada para trás, e soltou o braço num movimento brusco e rápido. E também não disse nenhuma palavra.

De repente, da garganta do homem estranho saíram alguns sons baixos, desarticulados, sons que não pareciam palavras, e então sobre seus ombros e sua cabeça, e também sobre a cabeça e os ombros de Mati e Maia, pousou um grupo de beija-flores entusiasmados e tagarelas, dourados e verdes e turquesa, com manchas azul-celestes.

Enquanto os pássaros sobrevoavam o homem e seus convidados, o estranho continuou a contar às crianças como, havia muitos anos, quando ainda era menino, os garotos da sua idade sempre fugiam dele: pois em toda sala de aula ou grupo, disse o homem, há um assim, não desejado, alguém diferente que insiste em correr atrás do grupo de crianças onde quer que elas estejam, e sempre fica a uma distância de alguns passos atrás dos demais, constrangido e envergonhado, invulnerável às ofensas e gozações, ansiando desesperadamente por ser aceito, poder pertencer, e para tanto está disposto a fazer tudo, servir como escudeiro, escravo deles, disposto até a se fazer de tonto para ser engraçado, disposto a ser palhaço e alvo de zombarias, que dele debochem o quanto quiserem, que até mesmo o maltratam um pouco, não importa, ele entrega a eles, gratuitamente, seu coração rejeitado.

Mas o grupo simplesmente não está interessado nele. E sem nenhum motivo em particular: não querem e pronto. E é isso. E que suma logo da nossa frente, o quanto antes. Assim. Pois ele não é como nós e não serve para nós. Que vá embora e

pronto, porque na verdade ninguém precisa dele aqui.

Maia disse:

Entre nós também tem um assim: Nimi. Nimi, o potro.

E Mati disse:

Não. Nimi é outra coisa. Nimi simplesmente tem relincho. Todos se afastam dele porque é de fato perigoso ficar perto de quem adoeceu do relincho.

E se inclinou na direção de Maia e acrescentou, cochichando: Daqui a pouco vai escurecer, Maia, precisamos imediatamente tentar escapar daqui.

Maia disse:

Escapar? Mas o portão está aberto e ninguém nos detém aqui. Você pode ir, se por acaso estiver com pressa. Eu fico por aqui. Ainda tem um monte de coisas para ver.

E, o homem disse:

Agora sentem-se os dois aqui nessa pedra. Tomem mais suco de romã, ou suco de figos com gelo. E não tenha medo, Mati, da escuridão que está se aproximando: hoje o escuro vai atrasar, para que possamos continuar conversando. Mas por favor não se assustem com ele, pois ele se ofende um pouco quando se assustam com a sua presença: essa ratazana é muito, muito velha, quase surda, por vocês ela fez um esforço e saiu de dentro do seu sossego, só para farejá-los. Sentem-se um momento em silêncio e deixem por favor que ela os fareje. Observem como suas orelhas e suas patas são delicadas, e como o nariz cor-de-rosa treme em homenagem a vocês com movimentos sutis, rápidas pulsações de um coração emocionado. O cheiro de vocês pelo visto lhe traz lembranças anteriores ao nascimento de seus pais.

Mati desviou o olhar da velha ratazana e observou o homem, e novamente olhou para a ratazana, e de novo teve a sensação vaga de lembrança, enfim, já estive aqui, tudo isso já aconteceu, estive aqui e esqueci tudo, e mesmo agora não consigo lembrar de maneira nenhuma o que de fato aconteceu. Mas decididamente me lembro que esqueci. Esse homem na verdade me parece um pouco solitário. Ou será que é só impressão? Será que está armando alguma coisa? Pois de perto Mati julgou discernir no rosto enrugado do homem certo

brilho fugaz de malícia, de trama oculta, e isso justamente no momento em que ele sorria e dizia que hoje o escuro vai atrasar, para que possamos continuar conversando.

E se ele estiver planejando nos aprisionar aqui? Para sempre?

Os dedos ossudos do homem de repente pareceram a Mati raízes vigorosas que agarram a presa e não cedem.

E se na verdade esse feiticeiro estiver tramando nos capturar para se vingar dos nossos pais e de toda a aldeia? Ou não só nos capturar, mas nos enfeitiçar e transformar em animais?

Mati disse:

Daqui a pouco já estará escuro. Quero ir agora para casa.

E Maia respondeu:

E eu não. Quero ouvir mais. E também ver mais.



E depois o homem contou que quando tinha dez anos e meio, mais ou menos, desistiu da companhia das crianças da sua idade e também dos adultos, e passou a ficar todos os dias com os gatos e os cachorros, tanto que aprendeu a entender e até a falar cachorrês, gatês e cavalês.

Depois de duas ou três semanas, toda a aldeia decidiu que o pobre menino estava com a doença do relincho, e todos tomaram muito cuidado para não se aproximar dele. Por fim até os pais desistiram dele, tamanho era o constrangimento: toda a aldeia os humilhava e eles mesmos sentiam vergonha do menino, e além da vergonha os pais se preocupavam com os filhos menores, com o risco de que também se contaminassem.

Por fim os pais e os demais adultos deixaram que ele perambulasse sozinho no bosque, livre como o vento, de dia e de noite. Roaaarr, disse o homem de repente com outra voz, e após um instante surgiu de entre os arbustos um urso marrom com pelo abundante, e ele esfregou a cabeça na palma da mão do homem, olhou para Mati e Maia com olhos úmidos, cheios de curiosidade, afeição, amizade, certa timidez e perplexidade, como se seus olhos quisessem se justificar dizendo desculpem, não se irrite, eu simplesmente não estou entendendo o que tudo isso significa, é difícil para mim, mas não estou entendendo nada, desculpem, não esperem nada de mim, sou apenas um urso.

E então o urso se virou num movimento pesado e deitou sobre as costas amplas, com as pernas balançando no ar, e começou a esfregar o pelo no tapete de grama e a resmungar consigo mesmo com um tom grave e escuro, um tom hibernal e profundo, quente. Mati se apressou em recuar três ou quatro passos e tentou puxar Maia pelo braço, mas ela se soltou também dessa vez e o repreendeu: Basta, me deixe em paz,

Mati, corra já para casa se quiser, ninguém está segurando você aqui à força. E eu quero continuar a ver tudo.

E o homem disse:

Você é Maia. Você é Mati. Eu também vou me apresentar: eu sou Nehi. Sou o demônio das montanhas. O feiticeiro. E este é Shigui. Não há por que ter medo dele. Shigui é um urso um pouco infantil, um urso que de repente começa a dançar no meio da chuva, ou tenta espantar as moscas com a sua cauda curta demais, ou se esconde durante horas nos arbustos ao longo do rio e começa a jogar água em todas as criaturas que passam por ali. Shigui. Fique quieto. Estou no meio de uma história.

Com o tempo, o homem continuou sua história, aprendi também pombês, grilês, sapês, cabrês, peixês e abelhês. E com o passar de mais alguns meses, depois que desapareci e vim viver sozinho no bosque a vida de um menino das montanhas, me esforcei em aprender mais e mais idiomas dos animais. Isso não foi difícil, porque no idioma dos animais e aves há muito menos palavras do que nos idiomas das pessoas, os verbos são conjugados só no presente, não existem o passado ou o futuro, e, além dos verbos, há apenas os substantivos e as exclamações, nada mais.

Depois desse tempo todo, ficou claro para mim que até os animais às vezes contam mentiras, ou para se salvar de um perigo, ou para se exhibir, ou para enganar a presa, ou para assustar, e à vezes só para fascinar e seduzir. Como todos nós.

Até mesmo palavras especiais que expressam alegria de viver, entusiasmo, exaltação e prazer, as criaturas possuem. Mesmo aquelas consideradas mudas, como, por exemplo, borboletas, vaga-lumes, peixes, lesmas: elas também dispõem de determinadas palavras que não são pronunciadas mas são expressas por meio de pequenas vibrações, vibrações que só chegam ao ouvinte através da pele, do pelo ou do manto de penas, e não pelo ouvido: essas vibrações parecem as leves ondas que uma folha produz ao cair na superfície tranquila de um lago.

Alguns animais até desenvolveram certas expressões que parecem quase uma oração: são palavras especiais de agradecimento pela luz do sol, e outras em louvor aos ventos

que sopram, às chuvas, à terra, à vegetação, à luz, ao calor, ao alimento, aos aromas e à água. E há inclusive palavras de saúde. Mas em nenhum idioma dos animais existem palavras cuja intenção seja rebaixar ou debochar. Isso, não.

Se vocês quiserem, Maia e Mati, disse o homem pondo com delicadeza as pesadas e cansadas mãos sobre o dorso de uma pequena cabra que chegou e se enroscou no peito de pelo marrom do urso Shigui, se quiserem tentaremos ensinar para vocês bem devagar. Assim como ensinamos a Nimi, que encontrou o caminho até aqui e chegou antes de vocês: sim, Nimi, o potro, Nimi com o nariz sempre escorrendo, esse que todos vocês lá embaixo chamam de doente do relincho. Mas no fundo do seu coração, Maia e Mati, vocês dois já sabem há muito tempo que não existe uma doença assim, relincho: inventaram o relincho só para que ninguém se atrevesse a se aproximar dele. Inventaram para isolá-lo. A partir de agora, vocês dois serão nossos hóspedes, meu e de todas as criaturas que vivem comigo aqui no jardim e na nossa casa da montanha.

Pois vocês permanecerão aqui. Conosco.

O homem se calou por um momento, e depois disse num tom de voz baixo, tão baixo que não permitia nenhuma recusa ou discussão: Agora me sigam.

E não esperou para ver se estavam ou não atrás dele: começou a caminhar tranquilamente em direção à casa, sem olhar para trás, e continuou falando a partir do mesmo ponto em que havia interrompido, e lhes revelou que muitos anos antes amara uma menina da sala dele, Emanuela, mas nunca lhe disse que a amava, e então aquele tinha sido um amor fracassado. E também não revelou o segredo do seu amor a ninguém, porque temia que redobrassem a torrente de humilhações, o desprezo e o deboche, se soubessem do seu amor secreto.

Quando Mati, Maia, o urso Shigui e a pequena cabra, Sissa, entraram na casa atrás do homem, as crianças constataram que na verdade não era palácio nenhum, mas um cômodo grande e largo, de pé-direito alto, um aposento aquecido porque era feito de toras de madeira crua e comportava poucos móveis, simples e indispensáveis, móveis serrados de troncos de madeira e de galhos fortes ainda envoltos em

crostas ásperas.

E assim, numa noite de inverno, continuou o homem após convidar Maia e Mati a se sentar ao lado de uma mesa de espessas tábuas, uma mesa um pouco tosca, e depois que o urso e a cabra se enroscaram um no peito do outro e adormeceram embaixo da mesa, e então, numa noite de chuva e neblina, ele fugiu da aldeia e também de casa. No início se escondeu nos bosques das redondezas e depois achou um lugar na montanha entre os animais, todos o amavam e o ajudavam e tomavam conta dele — muitos deles haviam sido molestados lá embaixo, até mesmo maltratados.

Assim, naquela noite de chuva e neblina, subimos todos numa longa caravana em direção aos bosques da montanha, disse o homem, porque os animais preferiram vir morar comigo aqui. Agora me acompanhem até a janela e conheçam o lugar onde vocês ficarão a partir de hoje: aqui crescem todos os tipos de frutas deliciosas, e nesse riacho jorra água gelada tão transparente quanto o som de uma flauta nas montanhas. E ali está uma pequena piscina onde daqui a pouco vocês dois poderão tirar a roupa e entrar. Não se envergonhem um do outro. Aqui entre nós não há nenhuma vergonha em ficar sem roupa: todos nós estamos sempre completamente nus por baixo das roupas, só que nos acostumaram, desde pequenos, a ter vergonha de tudo que é verdadeiro, e a louvar tudo que é falso. E nos acostumaram a só nos alegrarmos com o que temos, se o que temos for só nosso e de mais ninguém. É pior do que isso, nos acostumaram desde a infância a nos agarrarmos a todo tipo de ideias venenosas que começam sempre com as palavras "Mas todo mundo..."

O homem sorriu com tristeza, e refletiu um pouco sobre isso:

Mas aqui entre nós a única vergonha é debochar.

E de repente acrescentou, num outro tom de voz, mais escuro e mais sombrio: por vezes, isto é, quase toda noite, eu acordo e desço para me vingar um pouquinho deles na escuridão. Para apavorá-los até a morte. Brilhando de repente como um esqueleto no vidro da janela deles, após o apagar das luzes. Ou rangendo o assoalho e estremecendo as vigas dos telhados para provocar-lhes pesadelos. Ou os acordando, cobertos de suor frio, para que pensem que se contaminaram

com o relincho. E um ou outro ano, também atraio crianças para cá. Como Nimi, o potro. Ou como vocês.



Maia hesitou um pouco antes de lhe fazer algumas perguntas: Mas por que, na verdade, você decidiu ir embora e fugir? Por que afinal não tentou fazer pelo menos um amigo ou dois? Ou amiga? Como não pensou que no mínimo valia a pena tentar modificar alguma coisa? Ou modificar-se? Será que você nunca teve a curiosidade de tentar entender o que exatamente atraía sobre você todo o deboche deles? Por que tinha de ser exatamente você? São muitas perguntas? Não?

Minha mãe sempre se irrita comigo, porque você fica perguntando o tempo todo, chega com isso, cada pergunta sua acrescenta mais uma rachadura nas paredes da choupana.

O homem não olhou para Maia nem para Mati, e não se apressou em responder, mas fixou um olhar amargo na ponta de seus dedos, nas unhas grandes e escuras. Respondeu a todas as perguntas de Maia com três palavras:

Era muito difícil.

E depois de um momento acrescentou:

Na verdade, exatamente como você, eu também era um perguntador. Mas todas as perguntas que eu fazia só me acrescentavam deboche. Até que de tantas rachaduras não me restou a choupana.

Mati disse: Maia, chega.

Mas Maia respondeu irritada: Chega o quê, por que chega, Mati, pois ele sente tanta pena de si mesmo que esquece completamente que é ele a desgraça da nossa aldeia. Até agora, depois de tantos anos, quando lhe perguntamos por que fugiu, ele escapa da resposta.

Mati disse: Mas Nimi também fugiu. E os próprios animais fugiram. Pois você sabe como é, quando começa a humilhação. E o deboche. Às vezes eu também penso em ir embora e fugir deles, de todos, da casa, dos pais, das crianças, dos adultos, das

minhas irmãs, de todos. Que pensem que eu tenho relincho. Fugir e viver sozinho numa caverna no bosque e que ninguém me diga o dia todo isso sim, e isso não, e como você não se envergonha.

A isso Maia respondeu: Mas quando você sonha em fugir, Mati, você não sonha também em levar com você tudo o que brota. Ou a água. Ou a luz. E também não sonha em voltar toda noite para se vingar.

E houve ali um silêncio. Até que Nehi lhes disse:

Na verdade, vocês dois fugiram também. E agora toda a aldeia está assustada por causa de vocês, e os pais de vocês estão desesperados, acabados.



Assim, durante toda a tardinha, ficaram os dois sentados perto de Nehi, o rei dos bosques. A tardinha continuava mais e mais, como que encantada: passadas muitas e muitas horas, a luz suave do entardecer ainda os acariciava, e depois dela veio a luz do crepúsculo, e após um tempo imensurável começaram os raios do sol poente, que continuaram mais e mais e não esmoreceram, mas cintilavam e coloriam toda a amplidão do céu com um arco de sutis tonalidades, como se aqui em cima o próprio tempo já tivesse sido anulado. Apagado. De uma vez por todas. De dentro, como já foi dito, ficou evidente que aquilo não era mesmo uma fortaleza, mas só uma construção baixa feita com troncos de madeira grossa, toda cercada pelo jardim. Mati e Maia passearam pelo jardim e novamente voltaram para a casa, comeram, beberam e conversaram, mais uma vez saíram para brincar com os animais e aves, répteis e larvas, no jardim: porque Nehi, vendo que os havia assustado, apressou-se em agradá-los, e até serviu-lhes frutas suculentas como jamais haviam provado na vida. Lentamente a luz ia diminuindo, mas a escuridão ainda demorava. A própria tardinha rondava, indo e voltando, e soprava devagar de canteiro em canteiro entre os caminhos do jardim, uma tardinha hesitante, que não queria ficar e não queria acabar.

Não era dia nem noite.

E eu não me lembro, mas também não esqueci por completo, pensou Mati, de que já estive uma vez num tempo que era um pouco parecido com esse, um tempo que não era dia e não era noite, nem luz nem ausência de luz, e no fundo não era exatamente um tempo, mas ao contrário, uma espécie de véu suave que me cercava e envolvia. Em sonho? Em uma doença? Quando eu era pequeno? No torpor de uma febre alta? Quando eu ainda mamava? Ou ainda antes disso, antes de ter nascido?

Nehi, quando ainda era o menino Neman, cuidava sempre de todos os animais e se preocupava em alimentá-los, e zelava até pelas moscas, formigas e peixes do rio, quando ainda tinha quatro ou cinco anos.

E também por isso eles te perturbavam na aldeia, disse Maia.

Maia não disse essas palavras em tom de pergunta, mas com convicção.

E Mati disse:

Até agora eles ainda não se esqueceram disso, mas também não se lembram. Talvez devesse haver mais uma palavra, uma palavra especial que incluísse o lembrar e o esquecer: às vezes ocorre que um dos pais de repente imita para os filhos certas vozes de animais e aves. Mas passado um instante, esse pai se arrepende e se corrige, apressando-se em esclarecer que todos os animais são, no final das contas, lendas. E logo dá um suspiro, porque a professora Emanuela fica provocando em nós uma grande confusão com todos esses pássaros que ela tem na sua pobre cabeça.

Quando Mati disse que faltava uma palavra que incluísse o lembrar e o esquecer, Maia pensou na mãe, Lília, que no final do dia espalhava migalhas para pássaros que não existiam, e jogava pedaços de pão no rio para peixes que desapareceram havia muito tempo. Agora o fim do dia estava se aproximando. E exatamente agora sua mãe estaria parada sozinha na margem do rio, e daqui a pouco eles vão começar de fato a se preocupar muito conosco. Ou será que lá embaixo já haviam se passado dias e noites e mais dias, o sol nascendo, se pondo e nascendo, e todos já desistiram de nós, e só aqui o tempo parou? E o próprio rio, pensou Maia, esse rio nunca descansa, corre dias e noites, se insinua entre os pátios da aldeia e flui adiante com teimosia para o vale, correndo e borbulhando no declive com espuma branca nas margens, como se estivesse fugindo de nós, avante, para baixo, para vales tranquilos, se detendo por um momento em nossa aldeia, só para amaldiçoá-la.

Maia disse:

Daqui a pouco precisaremos voltar. Eles vão se preocupar conosco lá. Pensarão que aconteceu uma desgraça.

Mati disse:

Só mais um pouco. Só depois da história dele.

E o homem sugeriu: Pediremos à escuridão que se detenha mais. Faz tempo que já combinamos com a tardinha que esta será uma tardinha lenta.



Maia disse: Mas você nos fez uma coisa terrível levando embora todos os animais. Você levou até os animais que nunca tinham sofrido nenhuma crueldade. Levou até os animais que eram amados por nós e que gostavam de fazer parte da casa, como o cachorro de Almon, e a gata de Emanuela com seus três filhotes. O rapto dos animais, na minha opinião, foi um ato muito mais cruel do que o deboche que você sofreu. E você, quando decidiu se vingar, não parou nem por um instante para se perguntar de quem, afinal, estava se vingando. Dos que debocharam? Dos que maltrataram os animais? Ou justamente de Almon, de Solina, da minha mãe e de Emanuela e você ainda vem nos dizer que a amava?

Neman ergueu os ombros como se tentasse enfiar entre eles o pescoço e a cabeça. Como se de repente tivesse ficado feio diante das crianças. E as palmas das suas mãos começaram a cair e a procurar alguma coisa, como se estivessem suplicando que fossem liberadas de serem palmas das mãos, que as escondessem, que as deixassem fugir do seu dono e não retornar nunca mais. E quando Maia citou o nome de Emanuela, surgiu de repente nos cantos da boca de Nehi um tipo de sorriso irônico que parecia infeliz e também um pouco abatido, uma expressão que indicava um mau coração e, apesar disso, que suplicava por um pouco de compaixão.

Enfim, vocês não estão bem aqui? O homem se ofendeu repentinamente, não vão querer ficar? Está bem. Podem ir. Não me importa. Vão logo. Pois não estou sozinho aqui. Podem ir. Não faz mal. Podem ir. Se eu quisesse mesmo me vingar, poderia deixar vocês aqui comigo para sempre. Ou pelo menos poderia contestar as perguntas que vocês me fizeram com algumas perguntas ainda mais difíceis. Por que, por exemplo, todos vocês permitem que seus pais os silenciem sempre que vocês tentam esclarecer o que aconteceu exatamente, antes

ainda do seu nascimento? Por que vocês sempre concordam que eles mudem de assunto e falem de outras coisas? Será que vocês não queriam de fato esclarecer e saber? Será que vocês também tinham medo de saber? Porque era mais fácil deixar que eles mentissem para vocês e não pusessem sobre os seus ombros jovens todos os segredos dos pais? Não somente vocês dois, mas todas as crianças da aldeia? É bem cômodo para vocês que a vergonha e a culpa dos pais permaneçam com eles e não manchem também vocês, não é? Não? Ou talvez vocês tenham intuído qual era a verdade, mas se assustaram muito com a própria intuição. Pois se a intuição revela a verdade, então de hoje em diante será definitivamente proibido atormentar e debochar. E como viveremos e nos divertiremos sem às vezes humilhar alguém? Sem mal-tratar um pouco, sem desprezar, sem pisar às vezes nos outros?

Maia disse: É isso aí. Veja, Nehi. Agora é você que está debochando. E até está gostando, não é?



De tanta solidão, Neman aprendeu a falar com os animais nos seus idiomas. Passados alguns anos, quando toda a aldeia começou a considerá-lo doente do relincho e a se afastar dele e a atirar nele pedaços de telha e pedras, ele encontrou uma caverna nas montanhas e passou a viver sozinho, se nutrindo de cogumelos e frutos do bosque. De vez em quando, à noite, esperava que todos se fechassem dentro de casa, e então descia para vagar como uma sombra pelas ruelas da aldeia escura.

E ele às vezes ainda desce, até hoje. Na escuridão. Descia só quando todos já estavam fechados atrás das venezianas de ferro e atrás dos seus cadeados de ferro. Descia e perambulava pela aldeia porque na montanha era um pouco triste, apesar do amor pelos animais e apesar de todas as maravilhas do lugar.

Na escuridão das noites sem lua, ele circulava indo e vindo pelas ruelas vazias. E às vezes os dois perambulavam por lá, na ponta do pé, Nimi e ele, se aproximando por um momento de uma ou outra casa, espiando entre as frestas das venezianas para ver as famílias mergulhadas tranquilamente nos últimos preparativos para o sono da noite.

Pois era agradável ouvir das cortinas a história que um pai lê para a filha antes de dormir, ou uma mãe sentada na beira da cama do filho pequeno, cantando uma canção de ninar que de repente tocava o velho coração de Nehi. E era bom para ele de vez em quando ouvir, através da janela fechada só pela metade, as conversas sonolentas, à noitinha, de um casal cansado, bebendo no calor do quarto o seu chá noturno. Ou quando eles sentavam e liam no silêncio da noite, e às vezes os moradores das casas trocavam entre si algumas palavras que aqueciam a alma de Nehi e levavam Nimi às

lágrimas, conversas simples como, por exemplo: Sabia que essa camisola florida fica muito bem em você? Ou: Hoje você finalmente desceu para consertar a escada do porão, e eu estou muito feliz, obrigada. Ou: A história que você contou para o bebê esta noite antes de dormir era bonita, comovente, e me fez lembrar da minha infância.

Assim, eu perambulo nas noites pelos pátios abandonados, por duas ou três horas, sozinho, e às vezes com Nimi, até que a última luz da aldeia se apague na janela de Almon. Porque eu tenho um pouco de inveja. Inveja de tudo o que nunca tive e do que jamais terei.

Maia disse:

Isso significa que aqui em cima também é bem triste, às vezes.



Mas eu não os roubei, disse Nehi. Quer dizer, nem todos. Uma noite os animais se levantaram e abandonaram a aldeia, em grupo, e subiram atrás de mim até os bosques nas montanhas. Até mesmo os animais que gostavam de suas casas e que hesitaram muito se deviam ficar ou partir, como Zito, o cachorro ce Almon, o pescador, e como Tima, a gata tigresa de Emanuela, ela e seus filhotes — até mesmo eles resolveram por fim subir e se unir a mim, junto com todos os outros: não porque eu os tenha enfeitado nem porque eu tenha querido me vingar, mas porque entre os animais também imperava o medo que vocês conhecem muito bem, o medo de não ser como todos, ficar quando todos se vão, ou ir quando todos ficam. Ninguém quer ficar sem o grupo ou ser excluído do rebanho. Se você se afastar uma ou duas vezes da colmeia, já não o receberão de volta. Porque você já é considerado doente do relincho.

No início Neman construiu uma pequena cabana de galhos numa clareira no bosque no alto do monte, e seus amigos animais se ocuparam em atender as suas necessidades diárias: carneiros e cabras o proviam com o seu leite, as aves traziam ovos, as abelhas contribuíam com mel, o rio fornecia água gelada, os esquilos recolhiam para ele frutas secas e silvestres, e os pequenos roedores escavavam e traziam batatas. Até as formigas, em longas caravanas, carregavam desde os campos do vale um punhado de grãos de trigo, para que ele pudesse fazer pão. Os lobos e os ursos vigiavam e o defendiam. Assim viveu durante anos e anos longe de todas as pessoas, e cercado pelo amor das grandes e pequenas criaturas vivas. Os sapos encurtaram seu nome Neman para Nei. E com a pronúncia dos chacais e das aves noturnas, Nei passou a ser Nehi.



Muitos anos atrás, em um vale escondido, atrás de sete cordilheiras e depois de sete vales profundos, numa de suas excursões solitárias Nehi descobriu um pequeno arbusto que dava umas frutinhas brancas e roxas com sabor muito parecido com o da carne. Nehi denominou as frutas desse arbusto carnemônias. Ele plantou sementes de carnemônia por todo bosque, cultivando e disseminando os arbustos, porque entendeu que todos os animais carnívoros gostavam do sabor da carnemônia, e se alimentavam dela com gosto, e assim não precisavam mais abater criaturas mais fracas do que eles. E também não sentiam mais o desejo de abater. Assim Nehi conseguiu aos poucos habituar o tigre a se divertir com cabritos pequenos, e o lobo a cuidar dos rebanhos de carneiros, e até adormecer entre eles, de modo que a lã macia lhe esquentasse o corpo nas noites frias. Assim nenhum animal nunca mais abateu outro em toda a extensão dessas matas, e animal nenhum nunca mais teve medo dos predadores. Mas não esqueceram completamente.



E após mais uma volta pelo jardim, Maia e Mati já sabiam dizer algumas palavras em pardalês, uma ou duas frases em gatês e em bovinês, e também entendiam um ou outro termo em mosquês. Nehi e todas as criaturas do jardim pediram a Mati e Maia que permanecessem com eles pelo menos por algumas semanas.

Mas Mati tomou a mão de Maia e disse:

Lá embaixo eles estão muito preocupados conosco. Não podemos deixá-los assim assustados.

Então Mati também se lembrou que exatamente naquele momento, justamente com o cair da escuridão, todas as casas da aldeia se fechavam, toda veneziana era vedada, e toda porta era trancada duas ou três vezes com cadeados de ferro: e certamente seus pais estariam temendo muito por eles, e talvez toda a aldeia já tivesse saído para procurá-los com lanternas, e talvez até já tivessem desistido da busca e estivessem todos enclausurados agora, cada família atrás das suas grades e atrás das suas venezianas de ferro.

Maia e Mati então pediram a Nehi que lhes emprestasse uma gazela ligeira ou um cachorro que lhes mostrasse o caminho de volta para casa. É claro que os dois prometeram que não contariam a pessoa alguma, nunca, jamais, o que tinham visto com os próprios olhos e o que tinham ouvido com os próprios ouvidos, lá no esconderijo do demônio das montanhas, e que não revelariam nada sobre as maravilhas que encontraram no jardim.

Mas Nehi sorriu de volta para eles pensativo, e era um sorriso ambíguo, um sorriso meio tímido e meio triste, e também um pouquinho malicioso, um sorriso que não começava nos lábios, e sim entre as rugas dos olhos, e descia pelos sulcos da face, até que parou hesitante nos cantos da

boca. E após o sorriso disse que não havia nenhuma necessidade que lhe fizessem tal promessa: pois mesmo se eles contassem na aldeia a respeito de tudo, mesmo se relatassem os detalhes e os detalhes dos detalhes, quem, afinal, acreditaria neles? Só despertariam riso e deboche em toda a aldeia, se de fato contassem o que viram: o castigo dos céticos é sempre duvidar, e duvidar até mesmo das dúvidas que eles próprios impõem. E o castigo dos desconfiados é suspeitar de tudo, dia e noite. Suspeitar até de si mesmos e das próprias suspeitas.

Mati disse:

Quando a professora Emanuela, ou Almon, o pescador, começam a nos contar histórias de animais, imediatamente todos se põem a debochar. Os adultos e também as crianças. Mas às vezes um dos adultos esquece o deboche por um momento, talvez atacado pelo arrependimento ou pela saudade, e começa a contar sobre tudo o que ele mesmo, dali a um instante, vai negar completamente. Há sempre um que começa e todos o fazem calar. Mas a cada vez é uma pessoa diferente que começa. E às vezes chega uma criança à sala de aula no início do dia e conta a todos que acha ter ouvido de madrugada, quando estava meio acordado e meio dormindo, um piado distante, ou um zumbido, ou um grilado. Imediatamente todos a fazem calar a boca, que não fale e não irrite. Será que é de tanta vergonha pelo que aconteceu que os pais negam tudo? Ou será que combinaram esquecer para estancar a angústia? Mas me parece que ninguém esqueceu de verdade aquilo que toda a aldeia decidiu esquecer.

Depois Nehi pediu que eles contassem um pouco sobre a vida na aldeia nas horas da luz. Pois ele descia só na escuridão. Que lhe contassem, por favor, como era a praça de pedra nas longas tardes de verão, entre a luz do dia e a luz do crepúsculo. E como era a praça na hora em que Danir, o consertador de telhados, seus ajudantes e mais algumas moças e rapazes se encontravam para conversar, tomar cerveja, rir e às vezes também cantar por uma meia horinha. E como estava Almon, o pescador? Ele continuava discutindo com as árvores? Ainda ficava sentado entalhando na madeira figuras de animais? Um dia quase não conseguiu esperar até a meia-noite, tanto queria descer à luz do dia e ficar na horta uma ou

duas horas com os braços estendidos em cruz, afastar o espantalho e se fantasiar ele mesmo de espantalho, pois Almon já estava quase cego, talvez nem percebesse a diferença, e os dois então discutiriam.

E como eram as conversas das mulheres no mercadinho? E o tagarelar das lavadeiras na curva do rio? E como estava Emanuela? E o banco dos velhos que chegavam às dez da manhã para se reunir e fumar cachimbo à margem do rio? Se não tivesse medo de que todos ali iriam se levantar e fugir com gritos de terror, talvez pelo menos uma vez desceria durante o dia. Ficaria sorrateiramente entre eles, participaria um pouco das suas evocações, e aspiraria para dentro dos pulmões o aroma da fumaça dos cachimbos. Será que restaram alguns entre eles que não esqueceram completamente?

Maia disse: Quem se lembra é alvo de deboche. Quem se cala, se cala.



Imaginem, disse Maia a Mati e a Nehi, que os acompanhava na última luz do crepúsculo pelo declive sinuoso do bosque, pelo caminho de volta para casa, imaginem vocês o que aconteceria se algum dia você finalmente voltasse, Nehi, para a aldeia, e de repente voltassem todos os animais que nos abandonaram já há muitos anos e foram para a montanha com você. Imaginem o susto, o espanto e a agitação, mas também que alegria!

Mati disse:

Os pardaís e os pintassilgos voltarão a fazer ninhos nos galhos das árvores, os pombos voarão em volta de cada pombal, os corvos gritarão na madrugada, e todos os pátios da aldeia terão consertados seus estábulos velhos, os galinheiros demolidos, as estrebarias, os currais, os galpões e os apriscos do rebanho, e os cachorros novamente latirão entre nós nos pátios e nas trilhas de terra, e em volta das colmeias zumbirão enxames de abelhas.

Maia disse:

E o velho Almon poderá novamente sentar com seu amado cachorro à margem da correnteza, e conversar com os peixes que voltarão ao rio, e até mesmo seu velho espantalho, em vez de ficar discutindo o dia todo com Almon, vai finalmente começar a implicar com pássaros verdadeiros.

Mati disse:

E Solina, a costureira, poderá dar ao marido Guinom um gatinho só dele de presente. Ou talvez até um cabrito. Ou esquilo.

Maia disse:

Minha mãe, a padeira, caminhará pelas ruelas da aldeia rodeada por uma nuvem de pássaros, e distribuirá migalhas a

todos eles, e Emanuela acenará para ela da sua varanda numa saudação, e talvez, Nehi, se você voltar, talvez, quem sabe...

Nehi ouvia em silêncio todas essas palavras. Uma pequena veia ou artéria azulada latejava no canto da sua testa, como se lá estivesse pulsando o coração rápido de um pintinho. Mas do fundo do seu silêncio, com uma voz sombria, uma voz baixa, interior e acolhedora como uma cozinha morna numa noite de inverno, disse:

E se eles debocharem de novo? Ou me maltrataram? E o que acontecerá se de repente despertar em mim outra vez o desejo de machucar e prejudicar para me vingar de todos?

E após um momento acrescentou:

E o que acontecerá se os grandes e ricos camponeses, esses cujos pais estudaram comigo na sala da professora Rafaela, a mãe da professora Emanuela, o que acontecerá se eles começarem outra vez a bater nos cachorros com o bastão, e a açoitar os cavalos com chicotes de couro, e a envenenar os gatos de rua, e a afogar os ratos em tonéis de água, e se de novo tornarem a sair com suas espingardas para matar gazelas, corças e raposas para comerciar suas peles, e armarem todo tipo de armadilhas para as lebres e pa-ra os gansos selvagens? E se de novo estenderem suas redes para pescar os peixes do rio?

Desceram por mais cinco ou seis curvas do caminho, que escurecia na penumbra das copas das árvores do bosque. Neman ainda disse:

É claro que todos eles receberão as vacas com alegria e júbilo, e os cavalos com entusiasmo, e também as galinhas que botam seus ovos para eles, e as cabras, gansos, carneiros e pombos, sim, e alguns deles certamente vão de novo se afeiçoar aos cachorros, gatos e canários. É claro. Mas o que farão às ratazanas? E aos vermes? O que acontecerá aos carrapatos, mosquitos e aranhas da casa? O que acontecerá a Nimi? E a mim?



E quando chegaram no fim do bosque, num ponto de onde já se avistavam as primeiras casas da aldeia, Nehi lhes disse:

Eis que a noite já está chegando. E estarão aflitos por vocês lá embaixo. Voltem os dois para casa, e se quiserem podem vir de vez em quando ao nosso esconderijo nas montanhas. Podem ficar conosco por algumas horas, ou um dia inteiro, ou mais. E por enquanto só tomem muito cuidado, por favor, os dois, para não se contaminarem com a doença do desprezo e do deboche. Ao contrário: lentamente procurem curar seus amigos, pelo menos alguns deles, dessas doenças. Falem com eles. Falem também com os ofensores e até com os malvados, com todos que se comprazem em prejudicar. Falem, por favor, com todos os que estiverem dispostos a ouvir. Tentem falar até mesmo com quem debocha de vocês e os despreza. Não liguem, continuem tentando dizer mais e mais.

Até que um dia pode ser que ocorra uma mudança nas almas, e então nós desceremos do monte e quem sabe nascerá em nós um novo coração, em todas as criaturas, pessoas, animais e aves, e todos os carnívoros se habituarão a comer carnemônias em vez de caçar. Até que possamos também nós, eu e todos os meus amigos, e até Nimi, o potro, sair da densidão do bosque e voltar à aldeia, e viver os dias da nossa vida nas casas, pátios, campos, pastos e às margens do rio. O meu desejo de vingança ruirá e se soltará de mim como a pele seca de uma cobra, e nós poderemos trabalhar, amar, passear, cantar, brincar e conversar sem devorar e sem sermos devorados, e também sem debochar um do outro. Agora vocês dois vão em paz. E não esqueçam. Até quando vocês crescerem e se tornarem pessoas adultas, e talvez também pais de seus filhos, não esqueçam. Uma boa noite para vocês, Maia e Mati. Boa noite para os dois.

Quando o bosque escureceu e Maia e Mati desceram, de mãos dadas, e foram se aproximando das luzes da aldeia, Mati disse a Maia:

É preciso contar a Almon. É preciso contar a Emanuela. É, preciso contar a Danir.

Maia disse:

Não apenas a eles, Mati. Nós precisaremos contar a todos. A minha mãe. Aos velhos. A seus pais. E isso não será fácil para nós.

E Mati:

Dirão que nós dois nos contaminamos do relincho.

Maia disse:

É preciso também encontrar Nimi. É preciso resgatá-lo.

E Mati disse:

Amanhã.

Sobre o autor



Amós Oz, nascido em Jerusalém em 1939, é considerado o principal escritor israelense da atualidade. Professor de literatura na Universidade Ben Gurion, mora em Arad, no deserto de Neuev, em Israel. Publicou dezoito livros, em sua maioria de ficção, traduzidos para cerca de trinta idiomas. Dele, a Companhia das Letras lançou *Pantera no porão*, *Conhecer uma mulher*, *Firna*, *O mesmo mar*, *Meu Michel*, *De amor e trevas*, *Não diga noite*, *A caixa preta*, *Rimas da vida e da morte*, *Cenas da vida na aldeia* e *Uma certa paz*.

Informações Técnicas

Título: De repente, nas profundezas do bosque

Autor: Amós Oz

Título original: Suddenly in the depth of the Forest

Tradução: Tova Sender

Editora: Cia. das Letras, 2007

ISBN: 9788535909968

Este e-book

Doado ao PDL por: Arcps

Epub: SCS

Contracapa

Numa pacata aldeia onde não existe bicho algum, seja ele quadrúpede, peixe, réptil, pássaro ou inseto, as crianças são proibidas de entrar no bosque vizinho, onde, segundo os adultos, reina Nehi, o demônio das montanhas. Quem se embrenhou por lá não voltou, ou então voltou avariado.

Na escola, a solitária professora Emanuela desenha e descreve os animais que chegou a conhecer em sua infância, mas os alunos riem dela, pois seus pais lhes asseguram que tais seres não passam de lendas malucas e perigosas. Dois dos alunos, porém, não se satisfazem com as explicações dos adultos e resolvem se aventurar pelo bosque para ver com os próprios olhos o que existe lá.

Habituação a discutir com originalidade e lucidez, tanto em seus livros como em sua militância pessoal, os grandes dilemas políticos e sociais de nossa época, Amós Oz mergulha aqui no registro da fantasia para tratar de temas como a discriminação, a convivência com o outro e a integração do homem com a natureza. *De repente, nas profundezas do bosque* é uma fábula estranha e encantadora sobre a importância da independência de espírito como antídoto à intolerância e ao obscurantismo. Uma fábula, como ele mesmo declarou, para todas as idades.